

MARIA FEIO

“Doida não!,,
Antes vítima

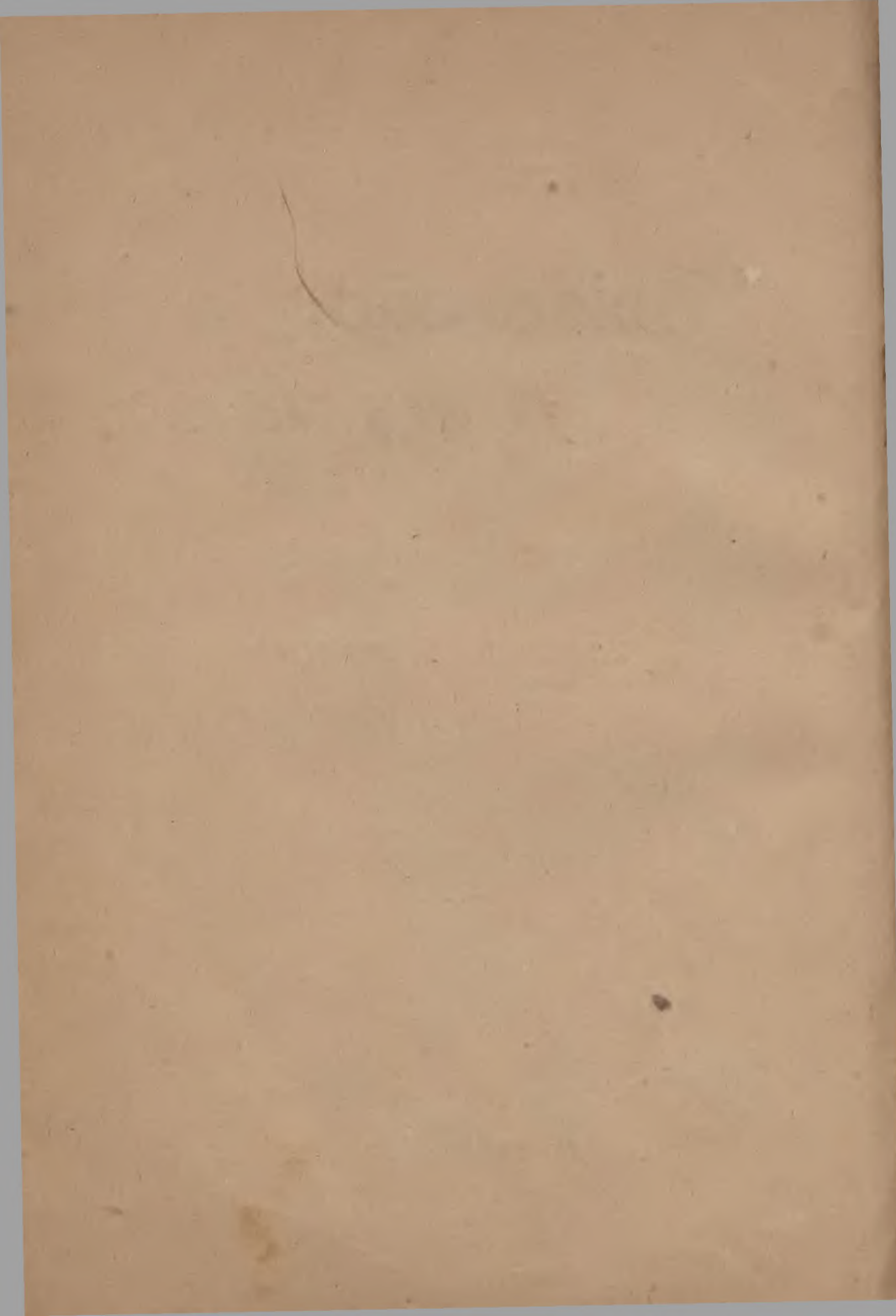
AS CAUSAS DO ADULTÉRIO

E

A PSICOLOGIA DE UMA PAIXÃO



LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA
DE
EDUARDO TAVARES MARTINS, SUC.
8, RUA DOS CLÉRIGOS, 10
PORTO



MARIA FEIO

“DOIDA NÃO!,, ANTES VÍTIMA

AS CAUSAS DO ADULTÉRIO
E
A PSICOLOGIA DE UMA PAIXÃO

DEMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO	
N.º	1884
Data	29/8/80
Clas.	

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA
DE
EDUARDO TAVARES MARTINS, SUC.
8, RUA DOS CLÉRIGOS, 10
PORTO

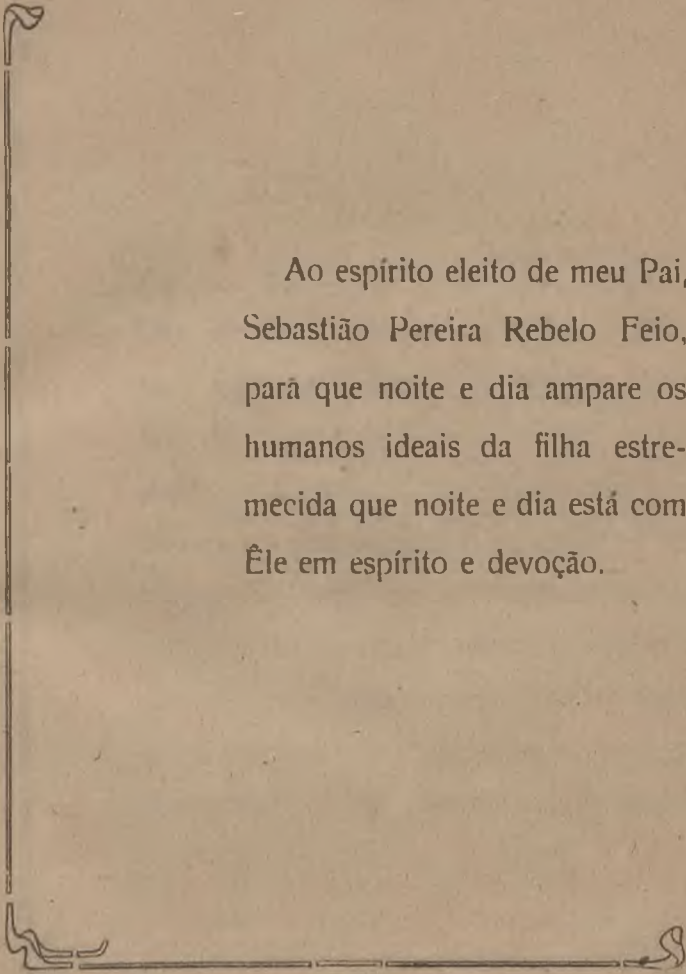
MARIA FERREIRA

ANTES VITIMA DOIDA NAO!

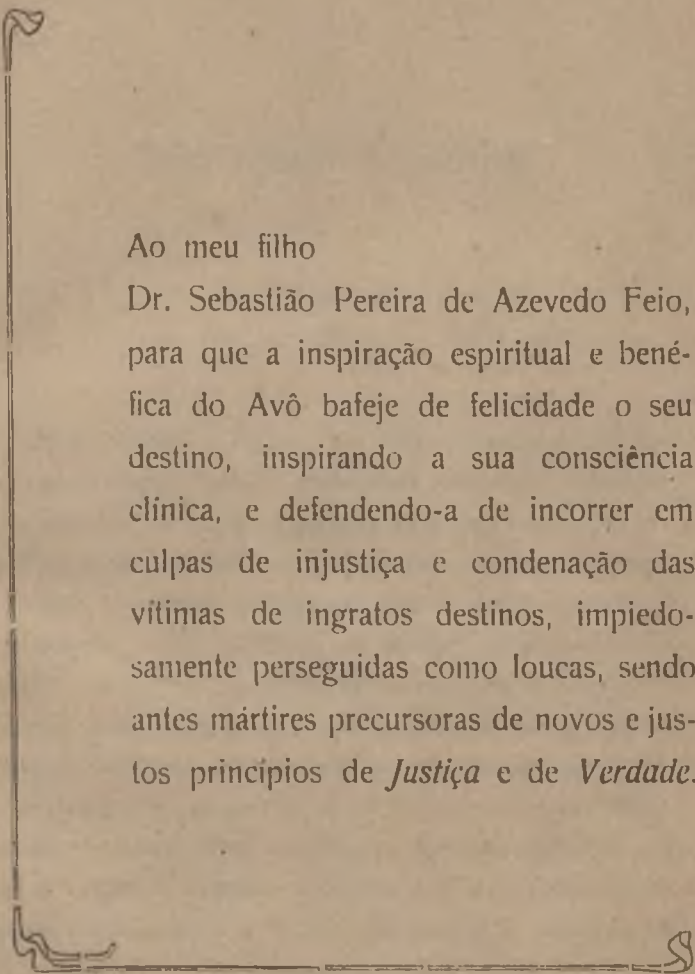
A PSICOLOGIA DE UMA PAIXÃO
AS CAUSAS DO AULTERIO



R/0198 FEI DOI RD

A decorative border consisting of a vertical line on the left and a horizontal line at the bottom, both with ornate, scroll-like flourishes at their ends.

Ao espírito eleito de meu Pai,
Sebastião Pereira Rebelo Feio,
parâ que noite e dia ampare os
humanos ideais da filha estre-
mecida que noite e dia está com
Êle em espírito e devoção.



Ao meu filho

Dr. Sebastião Pereira de Azevedo Feio,
para que a inspiração espiritual e bené-
fica do Avô bafeje de felicidade o seu
destino, inspirando a sua consciência
clínica, e defendendo-a de incorrer em
culpas de injustiça e condenação das
vítimas de ingratos destinos, impiedo-
samente perseguidas como loucas, sendo
antes mártires precursoras de novos e jus-
tos principios de *Justiça* e de *Verdade*.

Sem temôr da critica

Esta destinado a largas discussões o conteúdo d'este livro. A inconsciência, junta à acumulada sêde de desforra por mal contidos despeitos, exultarão pelo ensejo de deturpar autora, ideias e intenções. Vai ser um desdobrar imenso e pitoresco de criticas. Desfiar-se hão os velhos rosários de preconceitos tradicionalistas. A mordaz inveja afiará a lâmina cortante da maledicência. O morcêgo da difamação, agitará mais um vôo de calúnia, emaranhando o fio quebradiço das lendas, num enrêdo de falsidade, que uma infinita indulgência de coração deixa medrar, poupano conveniências alheias. Mas um dia se fará a « História dos meus Crimes ». E então, muito mistério será desvendado, e muita lenda passará à história da psicologia, num triunfo de verdade clara e eterna como a própria Luz.

Não se me dê do que de mim pensa a sociedade inconsciente de hoje. Preocupa-me apenas o juizo que de mim fará a humanidade esclarecida de amanhã. E como esse juizo será o da justiça, nessa esperança fortaleço a fé com-

*batrua que sem desfalecimentos de alma pelega pelo Direito,
pela Verdade e pela Razão, escudadas no amor do próximo.*

*Mistura-se ao sangue da minha raça, o sangue ardente
de D. Nuno Alvares Pereira.*

*No perfil honesto e nobre de meu Pai, sagrado pela
saúde do meu coração e do coração vibrante de um povo
que tanto o amou por ser por Ele muito amado, acentuam-se
reminiscências dos traços fisionômicos do piedoso Condastivel.*

*E, por isso, e com os olhos de alma fitos na alma de
imortal bondade de meu Pai, Sebastião Pereira Rebelo
Feio, e reanimada pela vibração espiritual e hereditária da
Sempre-Eterna, Sempre-Viva e Sempre-Heroica alma do
Vencedor de Aljubarrota, que a minha fe se renova e o
meu espirito de combate não esmorece.*

Ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Alfredo da Cunha

É por espontâneo dever de consciência que venho tomar parte no pleito em que se envolve o nome de V. Ex.^ª.

Debate-se uma causa de caracter particular. Mas não ha direitos pessoais exclusivos, perante os interesses de ordem social. Este caso pertence ao domínio dos problemas sociais. É é debaixo do seu aspecto simbolista que o discuto e me interessa.

A discussão é contrária a V. Ex.^ª, não sob o ponto de vista meramente pessoal, mas considerando-o um interprete de preconceitos de que afinal saem vítimas os dois sexos. Não desejo, porém, cultivar antagonismos entre sexos, condenando os erros dos homens, para proclamar a leviandade das mulheres.

* * *

Agita-se a opinião pública em correntes desencontradas. Apos a publicação do livro da Esposa de V. Ex.^ª, intitulado «Doida Não!», produziu-se uma extraordinária reacção de curiosidade. E a tragédia conjugal, que forma já um colossal processo juridico, entrou em ampla e agitada discussão.

Tem V. Ex.^ª favoráveis probabilidades de triunfo.

Tem as garantias da superioridade que é exclusivo dos homens nas sociedades mal organisadas.

Está de posse de uma fortuna colossal que é arma de

seguras conquistas num paiz onde o *Dio del'Oro* é o soberano a que se rendem todas as consciências, todas as vontades e resistências, na disfarçada ganancia de inconfessáveis interesses.

É portanto mais que facil o aniquilamento de uma mulher indefeza. Estão do seu lado agravantes de derrota, emquanto ao lado de V. Ex.^a ha atenuantes convencionais que são a garantia de exitos solidos e positivos. Mas ha derrotas transitórias que são prelúdio de vitórias.

A derrota que tem como causa o predomínio das forças materialistas, pôde ser amanhã o triunfo dos derrotados convertidos em vencedores pela justiça de uma sociedade mais culta, menos tradicionalista e mais esclarecida.

Acima de todas as soberanias do ouro, de todos os decretos dos homens, de todas as conclusões e conspirações da sciência, ou dos processos jurídicos, reunidos neste caso, ha uma força invisivel, mas predominante, que acaba sempre por triunfar das armadilhas engendradas pelas inentras sociais, tecendo, tarde ou cedo, a teia luminosa e indestrutível da verdade.

E a verdade não está afinal do lado de V. Ex.^a.

O que é a Verdade segundo as leis do Universo? Amor, Justiça, Bondade. É dessa triologia de virtudes que se forma a virtude do altruismo. O altruismo é o contraste do egoísmo, este o terrivel impulsor de guerras e desordens mundiais, que é formado de vaidade, ambição, crueldade e soberbia.

Ora, no caso presente, estamos em face de duas espécies de julgamento que separa a natureza da culpa, da natureza da culpada. Segundo as leis a que se submete — a responsabilidade das culpas atribuidas á Esposa de V. Ex.^a, fica essa culpa no limbo da condenação pública. Mas se libertarmos esta condenada das cláusulas tão falsas como

arbitrárias da moral convencional, a natureza da culpada impõe-se á defeza daqueles que alcançam a rútila esfera de uma nova moral concebida em léis de justiça, de bondade e de tolerancia humanitária, que dá a luz do altruismo e a fé na perfectibilidade social.

Temos, pois, em face dos códigos tradicionalistas, um queixoso e uma culpada. É V. Ex.^a o queixoso a quem a maioria dos opiniões é favorável? É sua Esposa a culpada que essa maioria condena?

Mas ha de chegar o dia em que brilhe mais clara luz no juizo que formará as novas consciências. O que hoje é uma inversão da razão, será amanhã um direito de justiça. Reconhecer-se-ha então que fatal conivência de egoismos perverte a moral de mulheres virtuosas, levando-as a crestar as azas da pureza na chama de paixões, que nunca teriam abrazado os seus corações ardentes, se os houvera penetrado um sôpro constante de carinho, de ternura conjugal que enobrece e aperfeiçoa.

* * *

Mas eu creio que já ha nos espiritos uma compreensão de espontânea e instintiva justiça. E é certo no caso presente, que se repudiam os processos de arbitrária expiação, impostos dogmaticamente a uma mulher que sentia uma necessidade de amar, e não encontrava na familia o amor e a justiça que seriam a sua fortaleza moral. Porque, o certo é tambem que uma onda de simpatias envolve a heroina dêste singular episodio de amor.

* * *

É para julgar a fundo as causas e os efeitos dêste episodio, que me dispuz a discuti-lo no campo da psicologia e das

conclusões renovadoras e humanistas, tomando para quesito os pontos seguintes:

— De que lado está a maior culpa?

— Quais as causas do adultério?

— De que lado estão as provas de maior egoísmo, ou as de maior altruísmo?

— Quantos prejuízos representa na sociedade e na família a opressão do egoísmo, e quantas vantagens assegura a virtude do altruísmo?

— Que vale a natureza e o efeito de uma culpa de prejuízos meramente pessoais, em face da natureza de uma culpada que, caindo em pecado, se liberta de si para atrair em forno da culpa a discussão de que nasce a Luz, e a Luz que corresponde às virtudes do altruísmo que são origem da sua affectividade, do seu dom de simpatia, da sua culpa que foi da Bondade ao Amor?

* * *

Mas, tomando parte no sensacional debate, é meu desejo manter uma linha de consideração e respeito pela personificação individual de V. Ex.^a, pelo seu prestígio de intelectual e pela sua preponderante situação de homem público.

Distinguirei na pessoa de V. Ex.^a a personificação e o simbolo, como sucederá com os ilustres clínicos que classificaram a doença de sua Esposa.

É V. Ex.^a um espírito culto. Portanto sabe decerto que, acima da vontade humana, ha uma vontade suprema que dirige os nossos actos e as nossas ideias, com o mesmo poder invisível com que faz girar o mundo e dispõe as universais atracções.

Na ordem da evolução constante e planetária, desagregam-se as forças da matéria e cristalisam-se as energias do

éter, convertendo os átomos em irradiantes. Nessa mesma ordem de desmaterialisação se vai precipitando a luz das novas ideias que sobe em espirais de fluido espiritualismo para um espaço mais claro, onde os principios se renovam e os sentimentos se purificam, até que, entre oscilações transitórias, chegue um dia a hora da aleluia emancipadora.

* * *

Decerto V. Ex.^a não ignora que as fases históricas de maior florescimento de todos os povos antigos ou modernos, tem correspondido á situação e aprêço em que se mantem a influéncia da mulher.

Deixarei para o final desta publicação as demonstrações dêsse facto que complica com o ressurgir ou o decaír das sociedades. E afirmarei por agora que a falta de aprêço, a escassez de culto que os homens de génio rispido e árido, com character orgulhoso e frio, mantem perante a mulher intelligente, terna, valorosa, que o destino pôz ao seu lado, vem por fim a produzir a dispersão da família e a inutilizar a vida e a felicidade dos esposos, rebaixando o nível moral.

Teve V. Ex.^a como companheira uma mulher de valia. Muitas das ideias e obras de V. Ex.^a germinaram e desabrocharam sob o influxo da sua vivaz intelligéncia.

Quanto lhe deve a prosperidade económica da sua casa?

Desde todos os tempos que a glória dos homens célebres está ligada á influéncia das mulheres que os inspiraram. A Grécia foi grande, porque teve grandes mulheres. E teve grandes mulheres porque o culto dos homens lhes prestou justiça e idolatria.

Nunca Péricles teria sido uma gloria grega, se o não houvera inspirado Aspasia, que a falsidade da história fez

passar por *helaina*, e que foi apenas mulher de graciosas galanterias, desejando converter e iluminar, seduzindo e atraindo pelas suas graças espirituais e corporais. Esquilo e Sofocles lhe deveram muitos dos seus triunfos teatrais. E Sócrates escutou, atento, reverente, os seus conselhos sábios, intuitivos e filosóficos, á sombra das palmeiras orientais que bordavam as margens dos mares Jonios.

Como esta celebre grega que desceu do Olimpo da arte para inspirar génios e glorificar poetas, tambem á mulher que é hoje a vítima de uma tremenda punição, se pôde chamar a musa da inspiração colaboradora no prestigio que trouxe a V. Ex.^a horas e regalias de triunfo.

Soube V. Ex.^a comprehendê-la?

Esmerou-se em conquistá-la, em atraí-la e fixá-la perfeitamente e amavelmente em si?

Talvez não. É como a causa principal do desvario de que a accusam reside nesse facto, esse desvario deixa de ser consequência exclusiva da sua conduta, para ser delicto de responsabilidade reciproca. É sobre esse ponto que vou entrar na discussão das razões arquivadas no livro «Doida Não!», rubricadas por muitas outras provas que circulam entre a corrente das opiniões públicas, comprometendo a accusação e favorecendo a defeza, por forma a fazer entrar no trilho da justiça os deveres dos homens para com os legítimos e sagrados direitos das mulheres, as eternas sacrificadas, que passam do sacrificio á revolta e da revolta ás extremas deliberações.

* * *

Mas eu desejo, repito, ser justa e recta nas minhas definições. Condeno o egoismo sem tréguas. Considero-o um dos maiores agentes da infelicidade, um martirisante

prurido de crueldade psíquica, acentuadamente masculino, um doentio erotismo ligado às fobias sensuais, uma relação entre causas e efeitos de furôres patológicos e de luxúria mórbida.

Semeia dores sem fim o egoísmo. É como causar o mal é uma coisa que contraria as leis da natureza humana, o egoísmo, tão próximo da crueldade e do ódio, é um sentimento negativo, é um cancro de ruim espécie no seio da família e da sociedade. Sendo um dos piores rebentos da árvore do mal, converte o homem em Prometeu eterno, requeimado num fogo devorante de mal-estar, sempre insaciado, descontente, envenenando de mau humor, de iras e tormentos, o ambiente familiar. E sendo já sabido que cada ser tem em si uma reserva de energias magnéticas que acionam e reacionam numa receptividade simultânea de correntes magnéticas, as quais estabelecem outras tantas correntes de atracção ou de repulsão, prova-se que o homem, sobretudo o marido egoísta e colérico, está constantemente atraindo a si influências negativas que revertem em prejuizo proprio.

O egoísmo é a bilis do organismo humano e social. Dispersa energias que enfraquecem os nervos, altera a circulação do sangue, perturba a função natural dos órgãos, enfim envenena o character com perturbações que prejudicam o funcionamento geral, e provocam lesões cardiacas, congestionamentos cerebrais, ou atrofia vicerais.

Essa doença é sinónimo de desdita, de desharmonia e decadência geral.

Muito contribuiu tão nefasto mal para o desenlace trágico que estou comentando! Mas afinal creio bem que sendo V. Ex.^a vítima dessa nevrose causadora principal da desorganização do seu lar, não se conclui que não possua dotes de bondade no intimo recato do seu coração. Todos

os poetas tem reservas de ternuras cristalizadas em beleza de sentimento. É certo que ha poetas que criam obras primas de metrificacão, sendo notáveis de brilho e elegância poética, sem contudo exalarem aquelle perfume de espontânea e intensa emoção que é a verdadeira alma da poesia sentida.

Com singular acêrto, me disse um sapateiro de Cintra, que bem pudera ter sido um grande filósofo:

« Ha versos sem poetas, e ha poetas sem versos. »

Mas eu creio que os versos magistraes de V. Ex.^a são pensados e são sentidos.

E creio-o porque reconheço que cada sêr tem em si uma dualidade. E cada dualidade se manifesta por formas variadas, num extranho choque de contrastes e de revelações que são outros tantos contrastes e surpresas fazendo de certos caracteres verdadeiros labirintos de psicologia.

Creio bem que V. Ex.^a será um desses casos, talvez caracterizado pelo mesmo espirito contrariante de que soffreu e se acusou Alfredo de Musset, quando atormentava George Sand, amando-o profundamente.

O proprio Goethe, soffreu do mesmo mal. E Paulo de Mantegazza se acusa de uma tara hereditária que o impelia a provocar despeitos, sendo generoso e bom.

Por isso eu creio que em todas as injúrias morais que os gestos exteriores de V. Ex.^a foram accumulando na alma de sua Esposa, havia a influéncia de taras que tem a sua origem na ferocidade do homem prehistórico.

Mas tambem creio que V. Ex.^a seja uma alma de emotivo, porque é neto de uma santa e resignada avó que perdoou e soffreu heroicamente ¹.

¹ Páginas 15 do livro *Doida Não!*

* * *

As queixas que da parte de V. Ex.^a formam a base dêste pleito, são afinal, no fundo, uma fermentação de orgulhos. E pela mesma razão que esses orgulhos medram e alastram nos dominios da vida domestica é que a maioria dos homens está ao lado de V. Ex.^a.

Ha um delito? Mas esse delito é de responsabilidade comum, como se vai provar.

As causas são culpas de que em parte é responsável a parte queixosa.

* * *

Disse um celebre filósofo que nos delitos de uma mulher, ha sempre os crimes de um homem. O adultério é da parte feminina quasi sempre a consequência da poligamia ancestral agravada pelos erros da educação e pela falsa adulação dos homens, que incutem vaidade, *coqueterie* e futilidade no animo fraco das mulheres. Mas neste caso ha outras razões que saem dos casos banais.

Em todas elas realça um choque de contrastes que põe em fóco a transição do egoismo para o altruismo.

E é evidente que sob a influéncia de egoismos, manifestados por fórmulas diversas, se praticou uma deshumanidade internando numa horrível reclusão de alienados uma mulher em estado de provada lucidez, e pelo menos tão lucida como muitos clínicos que exercem a sua profissão, com competencia, sendo atacados de sintomas nevroticos que proveem da neurose geral.

* * *

Não se tratava de uma *Doída sem juizo*, mas de um juizo que era conveniente converter em loucura verdadeira. Temia-se a revelação das injustiças que pouco a pouco foram amassando o fermento das revoltas, e preparando a labareda da incendiária paixão que foi fixar-se numa existência humilde, talvez pela força do destino que elege certos sêres para uma predestinação traçada pela mão de Deus na orbe dos destinos universais.

* * *

Ha neste caso três vítimas e três culpados. Culpas e sofrimentos merecem o respeito de quem as julga. Por isso julgarei os actos de V. Ex.^a confessando-lhe o máximo e condoído respeito pela sua personalidade e pelas intimas máguas que o atribulam.

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha

Minha Senhora

Diz a consciência do mundo escravo dos antigos e barbaros rituaes brahmanicos, inquisidores sinistros da mulher, que a paixão e o abandono conjugal de V. Ex.^a são um crime. E dizem os peritos psiquiатras que ha uma demência. Será qualquer das duas sentenças a expressão da verdade? Não sei. O que sei é que os actos só podem julgar-se segundo as causas, as circunstâncias e a exactidão dos detalhes.

Quanto á classificação de demência, não sei se é justa, porque nem sempre os psiquiатras estão á altura de julgar os devaneios ou fraquezas do coração. Mas, crime ou demência, consoante quer que seja a sociedade *culta*, a que tanta cultura falta, não impede êsse facto que se manifeste reverência pública e desassombrada pelas virtudes de uma *pecadora-redentora*.

Não ha santo que não tenha sido antes um pecador. E, quanto maiores tem sido os seus pecados, mais excelsa tem sido tambem a sua santidade de convertidos.

É a alma heroica e sublime de Santa Tereza de Jesus a bússola espiritual e iluminadora, que paira eternamente por sobre a alma espiritual da Espanha. É a musa ideal e mística das mais sublimes inspirações. Evocá-la, é perpetuar uma emanação de misticismo religioso e poético, unguido de heroicidade e renúncia. Predestinou-a o céu a perdurar

no santuário das almas, como evaporação de piedade, de amor e altruísmo feminino.

Poderia exercer-se tamanho influxo de amor espiritual e imperecível; poderia dar-se essa transcendente receptividade de atrações, se Santa Tereza de Jesus não houvera sido uma grande amorosa? . . .

De cada beijo de fogo dos seus lábios entre-abertos em extasis de paixão, divina ou profana, jorraram miríades de constelações ideaes e sublimes. O fluido magnético do seu sêr vibrátil e terníssimo, foi como que um derramamento de amor que vivificou, que fecundou, como um eflúvio divinal, electrizando as energias do sentimento e da ideia, em fulgores de claridade celestial e purificadora.

* * *

É um *crime*, a paixão de V. Ex.ª?

Crime ou pecado, fragilidade ou devaneio, condensados em paixão avassaladora, nem por isso qualquer dessas classificações várias e variáveis, impede a justiça e o direito de outras classificações. Ponho de parte a discussão das primeiras para me fixar no direito de julgar e classificar as segundas como manifestações de virtude que realmente existe.

* * *

Todos nós temos perfeito ou imperfeito. Mas ha perfeições tão superiores, que diminuem sensivelmente o efeito de todas as imperfeições. A bondade é a virtude mais nobre das creaturas.

É V. Ex.ª dotada desse formoso condão. Não é apenas pelo que V. Ex.ª conta da história da sua vida, que essa bondade se acredita e se revela.

As palavras são o Verbo. O Verbo é a irradiação da Luz interior, é a essência subtil do incorpóreo. E é essa Luz e essa essência que surpreende no todo espiritual de V. Ex.ª, quem detalhadamente lhe analisar a alma.

Provou V. Ex.ª que é bondosa em actos evangélicos da sua vida. Com o magnetismo da sua bondade curou chagas de corpo e alma, medicando e consolando. Adejando á beira das agonias de enfermos e moribundos ¹, como aparição de graça espiritual, palpitando em caricioso afago de piedade, semeou confortos e cultivou glórias em desvelos de altruismo.

Foi afável com os serviçais e tolerante para com os seus defeitos. Afagou crianças e amparou velhinhos. Levou para o seu lar um infinito de sonhos com azas irisadas nos poéticos e suavísimos matizes da ternura, na carícia dos ideais anceios.

Fremente de amor, sonhara amar muito para muito ser amada. Que gorgear festivo de arroubos sentimentaes a idealisar alegrias sem fim, no ninho brando das suas núpcias, que seriam o róseo prelúdio da harmonia conjugal?

Mas por sobre o palpitar translúcido dèsses sonhos vaporizados de poesia e sentimento, pairava uma atmosphéra de egoismos sociais que reveste de securas exteriores as almas superficialmente agrestes que o destino liga ás almas sensitivas. O sôpro letal estiolou o viço dèsses sonhos. E sobre as cinzas dèsses sonhos, derramou-se o orvalho dorído das lágrimas. Formaram rosários de dôres, essas lágrimas. A alma converteu-se em esponja de fel. E êsse fel transformou-se lentamente em veneno de indignação e revolta.

Aprazia-se a alma ardente em semear consolos. Amá-

¹ Página 7 do livro *Doida Não!*

vel e piedosa, consolava-se de que lhos restituíssem aqueles a quem mais prodigamente os dispensava. Na fase em que dores e fel acumulados, e reacções fisiológicas e psíquicas dispõem a paixões dominadoras, consolos dados prodigamente a *alguem* mais humilde e humildemente retribuídos, produziram um choque de almas que não conhece distâncias nem castas, porque se chama *amor*. E o amor tem só uma lei natural, que é a *atração, sem lei*, do proprio amor.

Foi um amor profano desabrochando em filtros de paixão delirante, da pura e evangélica fragrância do amor divino e cristão? Seja o que for, não é uma paixão vulgar, não é um impulso material de instintos genésicos. É um magnetismo de elementos consubstanciando-se e atraindo-se para determinados e ignorados fins.

É filho dêsse amor e dessa paixão emocionante, expiada em torturas, o amor e a paixão com que busco agitar nas turbas o sentimento da justiça e da verdade, que é um clarão de amor humanitário nestas páginas de protesto.

Chamando-lhe uma *radioactividade* de ambres humanos para atingir a pureza do divino, talvez se encontre uma definição contida nas leis do magnetismo universal.

Invoquemos, no entanto, a divina palavra de Cristo para julgar um *pecado redentor*, exclamando: «Aquele que de vós não pecou atire-lhe a primeira pedra».

.....

Cinjida a essa máxima, confundo as minhas lágrimas de atribulada com as lágrimas de uma vítima de acontecimentos lamentáveis e funestos. E rendo culto público e sincero á bondade que se exprime nos traços fisionómicos de V. Ex." e

que rescende da ternura da sua alma de mulher amorável e piedosa. Porque amorável e piedosa é a alma de mulher que estes pensamentos exprime no expandir da vocação que outro amor e outra fé não deseja alimentar além do que se contem nesta divisa: « *Amar o próximo como a nós mesmos* ».

“Doida Não!,,

Ha menos de quinze dias que apareceu a público um livro com êste titulo. A edição esgotou-se rapidamente.

Qual o motivo por que uma multidão sedenta de sensações novas procurou ávidamente essa novidade literária? É porque se trata de um episodio passional? Sem dúvida.

É assaz emocionante e simbólico o enrêdo do romance que agitou a curiosidade pública. Não se trata, porém, apenas de romance. Ha mistérios de psicologia nesse enigma de amor que vai além dos acasos banaes. Analisado atravez das leis que regem os destinos humanos, êste lance de aventura dilui as personalidades para desvendar sómente mistérios psíquicos.

Nos recipientes de alquímia, a evaporação das essências obtem-se da maceração que tritura vidas vegetais. E igualmente os segredos da alma humana se não podem penetrar senão escalpelando as suas fragilidades. Só assim as azas da verdade se ampliarão no vôo das humanas cogitações, reclamando novas léis de justiça e de moral.

Ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Bernardo Lucas

Embora V. Ex.^a me desanimasse, quando da audiência que lhe solicitei no desejo de contribuir para a defeza dêste debate sensacional e me demonstrasse a dificuldade desta publicação, não esmoreci no meu intento. É que nesse espontâneo desejo não se agitava só a ambição de defender uma causa pessoal. Palpitava o interesse por uma causa comum — a defeza de um sexo ligada a todos os problemas de ordem social.

Aqui estou, pois, transgredindo as opiniões de V. Ex.^a a associar aos complicados processos jurídicos, os quesitos sentimentais do meu coração, do meu critério e da minha martirisada experiência.

Não obedeci a sugestões estranhas. Falo em mim apenas o raciocínio natural. Julgo-me no dever de falar e falo sem temôr da censura pública. E brado bem alto ao expôr a minha opinião ácêrca do defensor audaz de uma mulher que o rigôr deshumano das perseguições familiares e sociais eleva, afinal, á condição de mártir, diminuindo-lhe a responsabilidade de culpada.

Tomou V. Ex.^a conta desta defeza nas condições em que Jesus Cristo protegeu do furôr da plebe uma frágil pecadora. Deve por isso merecer a corrente das públicas simpatias.

Uma causa destas não se julga num só tribunal jurídico. Tem que passar pelo tribunal das consciências cultas e humanitárias. Tem de ser julgada pelo juri de criterios leais, rectos e orientados por ideias afastadas das léis antigas

que conceberam uma moral social apoucando e martirizando mulheres. E ha sobre todos os tribunais e todos os juris um supremo juiz, que é o CORAÇÃO.

É dentro dêle que a razão deve formular os seus quesitos. E como o coração de todos os homens é formado no seio de uma mãe, todas as mães e todas as mulheres devem manifestar-se neste julgamento, que complica com os seus sofrimentos de vítimas e com os seus direitos equivalentes de mulheres, de mães, de esposas e de contribuintes da sociedade, que progride ou decae consoante a posição que nela ocupa o *sexo maternidade*.

Seja, pois, o coração atormentado de tantas mulheres chamado a depôr nesta causa que o meu emocionado pensamento busca esclarecer. Desempenha V. Ex.^a um papel valoroso, como defensor da mulher indefeza, e como altruista investido, pelas leis de um tribunal supremo constituído por Deus, desta missão humanista. Está portanto colocado num firme pedestal de vencedor. Deve-lhe ser favorável a maioria das opiniões públicas. Mas, se o não fôsse, nós, as mulheres de consciência e de sentimento humanitário, apelariamos para a opinião dos grandes sociologos estrangeiros de capacidade mental e intellectual consagrada á defeza de causas e problemas como a que a competência causidica de V. Ex.^a advoga.

Porque se ha neste nosso lindo Portugal tão clara luz no céu, luzindo em constelações astrais que derramam torrentes de claridade sobre o fertil torrão, ha nos espiritos uma triste obscuridade que teima em ofuscar a razão, ofuscando a alvorada da justiça que salva.

E é preciso que a LUZ venha do mundo civilizado e que illumine, que esclareça e liberte para sairmos de um limbo de atribulações e tiranias semelhantes áquelas de que V. Ex.^a é o esclarecido defensor.

A loucura ajuizada

A ciência moderna já conta com novos recursos para ir além de análises psiquiátricas cingidas às fórmulas vulgares na classificação das doenças mentais. Existem inventos de psicómetros que são os verdadeiros reflectores do cérebro e da alma humana. E se preciso fôsse recorrer a essa análise talvez que não ficasse muito airosamente classificada a opinião dos clínicos que foram chamados a proceder a vários exames no estado mental da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha.

Muitos dêsses ilustres peritos deram classificação de loucura, a manifestações de que sofrem o vulgar das pessoas e até muitos médicos que fazem os diagnósticos patológicos. Eu sei de alguns casos. E, se preciso fôr, virão a lume para demonstrar que os sintomas que serviram de pretexto, são os mesmos que se manifestam nas *excentricidades neurasténicas* de que sofrem várias pessoas, com a agravante de se converter o meio familiar em fábrica de neurastenia e martírios. Não póde ser, um Deus para uns outro para os mais. Não é humano fazer passar por *doidas creaturas que são apenas tão doidas como aqueles que, padecendo da mesma doença, são realmente, capazes de as fazer endoidecer, com as suas nevroses de egoistas*. Ou também teem direitos de sexo as doenças patológicas?

Seria caso para rir, se não se tratasse de coisas profundamente sérias.

Pois bem; provar-se ha aos illustres e consagrados clínicos que a intuição é por vezes tão valiosa como a sciência. E que se a sciência os engana a si proprios, a intuição pôde provar-lhes que enganando-se em opiniões sobre *várias doidas com juizo* — ludibriam os seus próprios interesses e incorrem em delitos de responsabilidade anti-altruista, anti-humanitária e anti-social.

Não pôde ser, repito, uma moral para as culpas femininas, outra para os seus desvarios de grave consequência. O que em nós mulheres, é defeito, ser em V. Ex.^{as} uma virtude?

E se o fiel da balança que a justiça de Deus põe no campo da verdade, pesar a verdade nestas parábolas da *magnificat*: « Exaltou os humildes e abateu os soberbos »?

Uma prova esmagadora

A natureza é a verdadeira *psiquiatra*, o verdadeiro código da psicologia e da sciência fisionomogónica.

Antes das revelações colhidas na análise dos traços delicados e expressivos da *condenada*, frisemos um detalhe importante. A snr.^a D. Maria Adelaide Coelho tem 49 anos. E a despeito da idade, das amarguras e das privações, conserva um viço de espiritual mocidade.

Esse viço de mulher franzina e gentil, dotada de subtil e fina vivacidade, não se confunde com frescuras de matronas gôrdas e materialmente luzídias. É uma frescura quasi infantil, uma graça incorpórea, etérica. É aquele género de beleza fluidica emanando de naturezas semi-desmaterialisadas, e que atrai como um íman invencível. É emfim a frescura de alma que se denomina *nó-energia* evaporando-se da beleza interior como fragrância subtil de aromas perturbantes que se exâla de uma anfora esbelta.

Naturezas favorecidas dêstes dons, revelam bondade, sentimentos raros, predilecções superiores. Ha nelas uma reserva de fluidos magnéticos. No microscomos do seu ser, ha singulares accumulações de energia psíquica que se renova á medida que se consome. São os predestinados que abrem caminho á corrente das ideias pelos seus dons medianimicos.

E o seu coração é um acumulador de electroïdes vibratórios destinados a repercutir-se nas multidões, no mesmo

grão de espiritualidade que é a graça ritmica do seu porte, o traço fino das suas feições, o brilho atractivo do seu olhar, o viço milagroso do seu semblante animado de extranha e dominadora sedução.

Da Revolta ao Amor

Sinto fóra do seu lugar o coração ao ter que dizer coisas que é preciso que se digam. Mas anda tanto coração fóra de si mesmo a latejar de tormentos, sufocados de desesperos que não podem desabafar-se em protestos! . . .

E' por eles que é preciso reclamar, protestar, em nome do direito humano e dos humanos princípios.

E' duro ter de atacar, de condenar, de dizer verdades.

Mas se á condenação do peor, corresponde a salvação do melhor, manda a voz do direito e da justiça que a consciência se afoite no combate directo da verdade sem rodeios.

E' custosamente que vou dissecar na pessoa de um esposo a psicologia do egoísmo.

Porque essa psicologia é a causa das desordens e adversidades familiares. Esse ataque não visa, porém, o homem público.

Ficará de pé o seu merecido crédito e justas considerações dispensadas pela sociedade ao intelectual, poeta e jornalista brilhante que creou nome e posição elevada a que não quero diminuir o prestígio das consagrações. Tanto mais que sendo regra quasi geral o homem reservar para o

círculo familiar os espinhos da rudeza, e para os estranhos as rosas de cativante galanteria, tem sempre a seu favor um público, tanto maior, quanto mais vastos são os seus recursos argentários e a sua posição preponderante.

* * *

O livro «Doida Não!» escripto pela *Ré* dêste processo, é a prova fulminante da razão que destrói a maior parte dos pretextos invocados para justificar a bárbara punição exercida sobre uma mulher posta em condições que mal lhe permitem defender-se.

Que importa que venham as correntes contrárias, protegidas pela influência do dinheiro, lançar no conteúdo dêsse livro blasfêmias de aviltamento, sarcasmos e dúvidas sobre a verdade das suas afirmações! . . .

De que serve que essas sofismas pretendam combater o livro, se o livro combate todas as contrárias sofismas?

Já não é possível destruir o efeito causado no público em reacções de simpatia pela autora, e de antipatias pelos legisladores da sua tortura. A Verdade palpita nas páginas dêsse livro. Só lhe não sente a sugestão quem estiver eivado de hostilidade.

Ela é tão límpida e tão expontânea, como o lampear das estrelas cravejando de luz a translucidez etérea do céu.

* * *

Diz um prolóquio vulgar: «O papel consente o que se lhe põe». Mas ha outro que diz: «A verdade é como o azeite que anda á tona da água».

E como o azeite é o sangue do macerado fruto da oliveira simbólica, do qual a adivinha popular diz ainda:

Para alumiar aos homens
Mil tormentos padeci.

conjugam-se as virtudes de luz e de verdade, contidas do martirio do emblemático fruto da árvore da *Paz*, com o martirio de muitas mulheres, para dar Luz, Verdade e calor aos argumentos defensores do ideal pacifista dependente da harmonia da familia que Mantegaza ensina aos esposos no seu livro « Arte de ser feliz. »

Ha livros de livros. Este é um deles. Ha na sua essência uma alma, e na sua alma uma essência. Sente-se-lhe a exalção da verdade, a verdade da convicção, e a convicção do espontâneo, do real, do comunicativo.

O formidável e quasi imprevisito efeito que ele causou na multidão, atesta inegavelmente a sua emanção de magnetismo que é o segredo dos milagres de reacção produzidos pela eloquência da verdade.

Querem contestar essa verdade as partes contrárias?

Não o conseguiriam porque já existem maravilhas de inventos novos nos grandes institutos psicicos da Alemanha e da America do Norte. E pôde-se radiografar o cerebro e os pensamentos, o corpo e a alma, por fórma a distinguir a alma nos pensamentos, os pensamentos nas palavras e nos caracteres com que se exprimem.

Com tais recursos, pôde distinguir-se o que é verdadeiro, do que é falso.

* * *

Iniciemos, pois, com afoiteza o debate que defende nos direitos de uma mulher os direitos de um sexo, e nos direitos de um sexo, os interesses de uma humanidade.

Formemos os quesitos, tomando para ponto do debate as declarações expostas lucidamente no livro que é obra de uma *Doida com Juízo*.

* * *

Começa a snr.^a D. Maria Adelaide da Cunha por dizer no seu livro, com naturalidade despretençiosa e expressões claras e ilucidativas:

« Muito estimada por todos, eu era, por assim dizer, a secretária de meu pai e a sua companheira predilecta. »

E mais abaixo :

« Meu pai e minha mãe adoravam-se, e eu sempre *idealisei para mim um lar semelhante em que o amor recíproco, sincero e desinteressado, substituisse tudo o mais que nele pudesse fallar.* »

É este o ideal sonhado por tantas mulheres e atraído pela realidade da desilusão! . . .

Traduzidas fielmente estas declarações, querem dizer:

1.^o Que existem meritos reais na pessoa que desperta a estima geral de aquelles com quem lida. Caracterisam-se esses meritos por um dom de atracção.

Essa atracção é uma especie de ozone espiritual de bondade que exerce um influxo de simpatia e encanto, dispondo esse dom sedutor que torna estimáveis e simpaticas as pessoas.

2.^o O ambiente familiar de harmonia, de brandura e amor formaram o character delicado e terno da filha amada e preferida para secretária e companheira dilecta do pai, homem de erudição, de espirito iluminado e coração affectivo.

Esta preferencia era o elo^o das afenidades, a recetividade das almas, o reflexo dos corações embelezando e ligando duas vidas de pai e filha na continuidade da virtude familiar.

Aquele exemplo de ternura conjugal cultivada na filha apancia de um lar cor de rosa.



Mas no outro lar em que se creou o futuro consorte, e que o egoismo perturba de dores, veem para a alma de outro filho exemplos contrários que serão amofinação e ultraje na casa onde a alegria não transporia o limiar dos sonhos irrealizados.

E' certo que a responsabilidade dêsse exemplo pertence a causas anteriores. O filho que recebe e assimila este exemplo, não é um culpado, é uma vítima interprete dos seus damnos.

Mas esse mal tem de ser combatido embora atacando a vítima dele.

Neste caso esse mal existia na hereditariedade de caracter e de habitos legados ao consorte pelo seu progenitor.

Diz a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Adelaide a paginas 14 e 15, depois de acentuar o seu desconolo e desillusão ácêrca do character reservado e áspero que o destino poz ao seu lado:

« Mas isto é de familia.

O pai e o avô eram assim para as mulheres. O segundo, que foi sempre pouco equilibrado, não podia ver a mulher. *E ela era tão santa que até deixava as creadas terem em casa as filhas do proprio marido.* Mas êle declarou no testamento que não queria ser enterrado ao pé dela.»

Feroz hostilidade!...

Que morbida disposição dos caracteres egoistas e rancorosos a retribuir a resignada bondade de uma mulher que perdôa os delitos do adulterio e do despotismo!

Nem na sepultura a quer a seu lado! Realmente existe uma incompatibilidade frisante entre a bondade e a crueldade. Uma é positiva, outra é negativa. E' por isso que é sempre atraente a mulher bondosa -- que encontra correspondencia na sua ternura. E' sempre antipatico o character cruel e duro que martirisa e repele.

Estão justificadas nesta hereditariedade a razão e a verdade

das afirmativas da Esposa ferida, quando se queixa da frieza e do abandono do marido. E por esses mesmos antecedentes se conclue que a expiação que lhe é imposta com rigor, não é sómente a consequencia dos *seus crimes*, mas uma derivante de sentimentos e disposições de character herdados no sangue e acentuados por exemplos de ofensas usadas para com as esposas que foram as virtuosas avós do snr. Dr. Alfredo da Cunha.

*

Mas confirmando estas revelações de psicologia, diz a autora do livro a páginas 4:

« Já tinha reconhecido que os versos do Dr. Alfredo da Cunha, que tam apreciados foram por mim, eram mais pensados do que sentidos, porque emquanto alguns deles pareciam repassados de sentimento, este em nada se revelava no trato para comigo. Mas a minha opinião mais se confirmou vendo o seu pouco carinho pelo filho. Não era um pai como o meu, era um pai frio, severo, como tinha sido o dêle. »

A páginas 5 diz ainda:

« O Dr. Alfredo da Cunha era muito rispido para seu filho, e castigava-o bastantes vezes. »

E a páginas 15:

« Quando o filho lhe desagradava em qualquer coisa, deixava de lhe falar, evitando mesmo vê-lo. »

E a páginas 6:

« Raro meu marido beijava o filho. »

* * *

Ponha-se agora em confronto a ternura da mãe para o filho.

Depois dos sofrimentos da maternidade, a mãe concentra todo o seu amor no filhinho do seu amor. Com a arte e engenho da sua vocação de estêta, são as suas mãos habéis, laboriosas que fabricam todas as suas roupinhas. Cria-o aos seus peitos com disvelos que são no coração das mães o perfume de almas enternecidas, a fragrância ideal da ternura maxima. Velou-lhe o sono em vigílias de sobressalto aconchegando aos labios o tenro e roseo pedacito da sua carne, que era o sorriso da sua vida.

Chora quando o rigor do pai o castiga. Um dia, revoltada por ultrajes e humilhações, pensa no divorcio. Mas o pai do pequenino ameaça-a de tirar-lho. E a abnegação maternal prefere todas as afrontas á tortura da separação do filho das suas entranhas.

Mas, afinal, o filho faz-se homem, e o homem faz-se egoista pelo exemplo.

Numa soledade de affectos, irrompe a chama candente de uma paixão febril. E o filho esquece tanto amor e tanto desvelo e secunda os rigores do lado paterno, que lhe injectaram na alma fermentos egoistas, até abafar no coração do filho o coração amorável da mãe. Do lado do pae estava a fôrça, porque estava prestigio e dinheiro. Do lado da mãe a fraqueza, porque existiam apenas tesouros de amor no coração tam mal comprehendido, lealdade no delicto e abandono de bens que só legitimamente solicita.

Em face destes contrastes, é legitimo estabelecer este paralelo de psicologias:

Do lado da mulher altruismo e Amor. Do lado do homem egoismo causando a Dôr. Ha entre esses dois contrastes o delicto de uma paixão? Mas ainda aí a mulher está no plano simpatico do amor que tem como origem excessos de affectividade reprimida, desconhôlos de coração acumulados, e quem sabe quanto desprêzo por

uma sociedade hypocrita e futil que enchera de adulação os salões da intellectual gentil, quando se recreava nas suas festas opulentas, e se põe agora ao lado do mais forte, conivente na derrota da perseguida, tão repugnantemente, quanto é repugnante a impostura, a ingratição, a perfídia e o egoismo, que só busca as suas conveniencias e interesses.

* * *

Invocam-se direitos de honra que é afinal explosão e disfarce de ódio e vingança protegida pelos codigos penais e jurídicos? A honra é uma palavra vã, um orgulho vil, um mesquinho e ridículo pretexto, quando os que a invocam a roubam anonimamente noutros lares, e se amesquinham profanando a mais santa das virtudes que enobrece o homem de bem, a quem cumpre amar com desvelo a mãe que o deu á luz. Porque acima de todas as conveniencias, é virtude esquecer a fragilidade dessa mãe, tam virtuosa afinal, nunca esquecendo o amor que lhe deve e o culto a que ella tem direito. Não é honra nem dignidade ajudar a torturar o seio que as dores da maternidade santificaram. E haja o que houver, nunca deve cessar a reverência a que tem jus legitimo e sagrado, as mães que no seu ventre dão a carne da sua carne, o sangue do seu sangue aos filhos que deverão amá-las, defende-las e protege-las, tanto mais quanto mais cruel fôr o seu destino.

* * *

Bem pôde ser, é certo, que aquelle que não beijava o filho em pequenino, o beije e cative agora com interesse, para que num excesso de interesses tentem recusar os tristes alimentos á boca da mãe que durante nove

mezes o nutriu no seu ventre e lhe deu o alento da vida na seiva purissima do seu leite. Lancemos um veu de tolerância sobre estas fraquezas morais a que está sujeita a fragil natureza humana, para não abalar o respeito que um filho deve incondicionalmente a um Pai que se impõe ao conceito público pela sua posição e méritos intellectuais.

Mas não hesitemos na defeza da maior vítima desta tragedia a quem se oferece esta expiação que comove e revolta — A miseria, ou o carcere de loucos,

A psicologia de uma paixão

Os peritos chamados a classificar a suposta *demençia* passional de D. Maria Adelaide da Cunha, manifestaram por esta forma a sua opinião: « *Degenerescencia hereditaria com manifestações dominantes no campo da affectividade e do instinto* ».

Esta definição relativa á *paixão dominante no campo do instinto*, tem pouco mais ou menos um sentido que se traduz nesta grosseira conclusão: uma mulher que desce á condição de amar um serviçal, sem escrúpulos de posição nem de moral, simplesmente porque o seu instinto sexual se deixou levar pelo capricho de ter um amante no homem que lhe impressionara o instinto material, isto é as exigencias lubricas.

Ora a Snr.^a D. Maria Adelaide da Cunha é uma organização superior.

Não está demente, positivamente, e em demasia se vem demonstrando, quer pela forma clara e coordenada como se exprime no seu livro, quer pelas contraprovas que se accumulam na deteza da sua suposta loucura. É uma « *loucura lucida* », dizem os magnos peritos. Pois seja. Mas não sofrerão esses peritos de certos sintomas equivalentes a essa doença ao consumarem essa definição?

A quantas pessoas, em meio de discussões politicas, ou de hostilidades de que sempre se cercam todos os homens publicos em evidencia, dotados de talento—que tem sempre o seu *hocadinho* de desequilibrio—eu tenho ouvido dizer de qualquer psiquiatra: « Está doido, porque quem lida com

tantos doidos, acaba por endoidecer. » Não crendo que assim seja, não duvido no entanto de que dominados por paixões de momento, entrassem nas esferas da nevrose patologica, ao darem o seu parecer para abismar num carcere de tenebrosa e verdadeira loucura, uma mulher gentil, piedosa e boa, que podia dar á sociedade o contingente valioso dos seus privilegiados meritos. Certamente pensaram que êsse castigo produzia na *Doida com juizo*, o efeito de uns açoites que se dão cruelmente a uma creança rebelde para a curar dos seus caprichos. E acima de tudo, que se salvasse por forma tão deshumana a honra e a posição faustuosa do marido.

Era afinal mais uma conspiração de homens, que sempre se julgam Reis da Creação e dão largas ao amor proprio pessoal e profissional, do que um exame imparcial, completo e exacto do estado da *doente que ninguem tratou*.

Bem sei que falsos informes contribuem para falsas conclusões, mas ainda aí sossobrava a intangivel pericia da sciencia, como tantas vezes succede. E eu que isto digo, cá tenho as minhas razões que exporei mais adiante. Devo altas considerações a alguns dêsses peritos e ilustres psiquiatras. Mas tambem se acumulam na minha alma certos ressentimentos por causas diversas. Não é porém em virtude dêsse ressentimento que falo. O meu *eu* só entra em scena quando se trata de interesses geraes. E como aqui defendo êsses interesses, direi todas as verdades embora molestem a vaidade dos sabios.

Ora notemos as principais manifestações moraes, intellectuaes, affectivas no conjunto fisiologico e psicologico da acusada.

Organisação delicada.

Senso estetico, inclinações superiores, temperamento affectivo e activo revelado em vivacidade espirital e ligeireza

de movimentos completando a revelação da energia mental luzindo em brilhos de intelligencia e de labor domestico.

Sofrendo porventura, como todos nós, qualquer daquelas manifestações a que vulgarmente se chama *falha* ou *telha*, não soffria mais demência do que qualquer deputado que quebra carteiras no parlamento, ou qualquer medico que salva uns tantos doentes e manda outros tantos para o cemiterio sem lhe serem passados *díplomas* de loucos.

Ora a atacada da fraqueza de coração que ataca tanta gente normal, e não da loucura da razão no sentido da demência que justifica a permanencia num hospital de doidas, entre loucas furiosas, diz isto a paginas 234 do seu livro « Doida Não! »

« Muitas que talvez me abrissem os braços se eu amasse um fidalgo, embora fôsse um vilão, sem se importarem, todavia, que eu faltasse do mesmo modo ao respeito a meu marido, censuram-me e viram-me as costas porque preferi amar um *chauffeur*, muito embora seja um homem de bem.

Não me orgulho do meu feito; mas orgulho-me de ter encontrado um coração que tão bem comprehende o meu, e que tanto merece que eu lhe queira como lhe quero. Que esse coração bata dentro do peito de um *chauffeur* não me envergonho, porque bate num peito honrado que se expoz ás balas dos meus perseguidores para me defender a vida e a razão. »

Analisaremos estas declarações para dispôr deducções concludentes. Mas convem reproduzir ainda estas afirmativas da acusada quando o snr. Dr. Sobral Cid lhe dirigira insinuações ácêrca da condição e interesseiros instintos do Manuel:

« O seu desinteresse está sobejamente provado e a sua dedicação é indiscutível, pois que não só me sacrificou as suas economias de alguns anos de trabalho, que, parecendo suave, é violentissimo, como a sua carreira e a sua propria liberdade. Não foi êle que esqueceu a sua posição, fui eu que a esqueci. Ele foi sempre muito respeitador, e a afeição especial que por mim tinha, nascia apenas da gratidão pelo modo carinhoso como eu o tratava e a que êle não estava habituado. Porque meu pai educou-nos na doutrina de que devemos especialmente ser atenciosos para com os humildes, porque os que o não são, tem o seu dinheiro ou a sua posição social que lhes proporciona considerações. Por isso sempre tratei o melhor possível os que, pela sua condição, julgava inferiores a mim. »

Não conheço o Manuel, o *chauffeur*, que só pela sua profissão causa repulsa a um distinto clínico que se sente receoso de ser atacado de fobia contra os *chauffeurs*. Mas diz o sr. Dr. Bernardo Lucas no seu prefacio do « Doida Não ! » « É um rapaz de presença insinuante e simpatica que se exprimia por forma que me agradou. »

E a uma pessoa idosa, de posição modesta e de opinião insuspeita que o viu uma vez, ouvi esta declaração :

« É um rapaz muito agradável de aspéto e de maneiras delicadas. Não sei que tem, que a gente á primeira vista fica logo a gostar do seu porte e da sua conversa. »

É decerto este *não sei que tem*, e que impressionou uma pessoa delicada no seu sentir, embora modesta de posição, que é a pedra de toque da paixão em questão. Esse *não sei que tem*, deve corresponder ao dom das creaturas que tem em si dons atraentes, que tanto podem ser o condão da eloquencia magnetisadora de um Emilio Castelar, a fluidica fascinação de um Musset, enfim o predomínio daqueles a quem o destino deu ensejo de expandir-se, ou

cultivar-se, ou certos inexplicáveis mas graciosos atrativos de gente que nunca saiu da condição humilde.

Quanta graça vaporosa e aerea se encontra por vezes numa camponeza que tem mais distinção no seu todo do que a mais nobre e bem ataviada dama de alta gerarquia? É que ha nessa creatura uma superior organização inrevelada.

O ritmo enleante da sua graça interior, não brilhou por falta de cultura. Mas nem por isso deixou de atrair, de res-cender e insinuar-se como em aroma de flôr silvestre e expontaneamente bela.

* * *

Ora um *chauffeur* pode ter em si o embrião de um homem de valor.

Porque não ha-de existir um organismo de privilegio mal revelado, na personalidade que por força de circumstancias exerce a função de guiar automoveis? Com o nascimento e cultura de um D'Anunzio, poderia ser o que êle é com a sua legião de heroismos e as suas ardentissimas paixões de poeta.

Que sabemos nós do que existe no fundo de cada sêr?

Que pudemos dizer do rubro incendio de amor que cre-pitou numa atmosfera de gelo?

A verdade é que uma paixão nasceu, germinou e arrebatou.

E pode acreditar-se que uma natureza de invulgar quilate se aviltasse descendo até às supremãs resoluções sem um motivo mais nobre do que um impulso material, sem uma correspondencia de sentimento ou de espiritualidade que a seduzisse?

É demencia, concluem. É *loucura lucida*, argumentam.

Mas eu conheço algumas dessas loucuras em outras

pessoas de representação social e que os distintos clinicos se recusariam a classificar por escrupulos varios.

Não ha demencia nem aviltamento degenerativo nesta paixão. Ha uma fusão de almas que se chama atracção, uma singular atracção que se chama amor. Quais são as verdadeiras raizes? Quais serão os frutos? Porque é que uma mulher de espirito e fascinação rodeada de tantos homens de agrado, se agradou especialmente de um menos brilhante? Porque é que não tendo feito escandalos de adulterio se reservou para os consumir em tais condições? Porque estava destinada para isto. Ha quanto tempo duraria a incubação deste amor? Decerto vivia muito antes de encontrar o magnete onde fixar-se. Chegou a fase da transformação. A crisalida fez-se borboleta. E a borboleta voou num adejar de ardente fantasia.

Qual é a conclusão final?

Uma paixão envolvendo um misterio. Merece a classificação de crime? Sim e não. Sim, porque vai de encontro á moral, aos deveres da mulher casada, e ás normas da virtude e do pudor que são o mais belo cruamento da mulher. E não, porque a origem dessa paixão tem a sua causa em sentimentos reciprocamente elevados. A mulher foi amada por ser compadecida e tambem porque dela se compadeceram. É afinal um holocausto, uma pira de idolatria em que arde a chama de um amor invulgar. É uma flor de bondade crestada nas labaredas de um incendio. Que valem afinal comentarios perante a fatalidade das coisas que teem o seu destino traçado?

* * *

Mas o que é verdade em meio de uma teia de mentira, é que a alma da mulher que assim ama, não é uma alma

vulgar, mediocre. Não é uma *alma incólora* como a de Julieta na tragedia de Romeu. É afinal uma alma definitiva e audaz que se dispoz a amar e a padecer contra todas as conveniencias pessoais e familiares.

O amor sufoca nela todos os interesses. Vai de encontro ao ódio e á perseguição da familia, affronta o desprezo e a maledicencia do mundo.

Não impera porém nesse gesto uma mesquinha lascivia. Antes irrompe em fulgor humanitario que vai reflectir-se espiritualmente noutro coração, penetrando e revelando o misterio de uma psicologia ignorada, como os raios ultra-violeta do radium penetrando os corpos atravez da densidade da matéria.

* * *

Ha da parte do homem preferido a sua parte de cálculo, de ambição, de vaidade e ufania de preferido? Ha uma mulher que desceu para elevar até si alguém sequioso de subir? É possível. Mas se ao descer essa mulher elevou e estimulou meritos embrionarios que poderão desenvolver-se, também subiu, descendo. E se meritos existem naquelle que teve ambições de subir, é justa a sua aspiração de elevar-se para elevar esses meritos. Não ha ninguém que não deseje de ir do pouco ao muito, do muito ao maximo.

Mas se esse homem, vilipendiado por ter sonhado ser *alguém* ao lado de uma mulher que já o era, amou por egoismo, por calculo, por capricho e ambição, não foge á regra quasi geral dos homens amando as mulheres.

E' quasi corrente sermos amadas com egoismo, por capricho, dos sentidos. E pelas mesmas razões sermos substituidas, porque o saciamento e os licenciosos costumes deixam que a alcova impura da corteza que foi a deusa do paganismo, seja o novo *forum* das orgias do homem e a

sepultura da felicidade dos lares. Ainda aí tem direito á defeza, a maior vítima de uma paixão que embora seja um delirio, é tambem um amor desabrochado numa relatividade de almas.

Que lhe reserva o futuro?

Dores e tormentos? Quem o sabe? Mas se assim fôr, nem assim deixará de ser amor, que se transforma em dôr para cristalisar na luz que esclarece os espiritos e adelgaça nuvens da ignorancia.

Ha de permeio dêste drama as conveniencias de um marido? Pobre tambem dêle que não soube entender a mulher nem se esforçou por entendê-la. Agora já é tarde para reconquistá-la, e pouco humano que insista em persegui-la.

Talvez fôsse mais nobre que lhe dissesse como aquele nobre Roberto das «Cartas de Amor», de Teixeira de Queiroz: «Diz ao homem que para te conquistar destruiu o meu lar e desfez a minha enganadora ventura, que afinal lhe perdôo a êle se fôr necessario para que sejas feliz.

Reconheço-o como meu supremo inimigo porque me esmagou fibra a fibra o coração.

Mas perdôo-lhe porque antes dele fôra eu culpado de não saber cultivar o teu amor.»

.....
 Fiz aqui a apologia do adultério? Ensinei ás mulheres casadas o tortuoso caminho da perdição e da deshonra?

Bem longe disso. Desejo tanto e tão ardentemente a virtude de todas as mulheres, como a ambiciono e quero cultivar na alma inocente e idolatrada das minhas netinhas.

O que eu aqui defendo é uma mulher que me deu a impressão de uma pobre e amorosa andorinha esfacelada numa jaula de feras. Estudo no campo da psicologia a origem desta paixão que incorre em classificação de pecado,

mas que não é sómente da responsabilidade da mulher como se verá pelas afirmações que se seguirão.

Quem teve por mãe, como eu, a mais austera e honesta das mães, ama sempre a virtude e a perfeição, embora certas circumstancias a não deixem ser tão perfeita como quizera.

Eça de Queiroz, escrevendo um romance realista no «Primo Bazilio» não glorificou o adulterio, antes o apontou como fonte de tormento e oprobrio que preveniu muitas fraquezas. A alguém, casada aos quinze anos sem amor, êle preveniu contra muitos Primos Bazilios.

Demais, este caso está fóra da regra geral. E' um fenomeno simbolistico. E interessando-me, mais me interessa aconselhar todas as mulheres que fortaleçam a sua alma contra diabolicas tentações, educando-se em bons exemplos, em salutaes impressões e boas leituras.

E a todas recomendo na sua biblioteca livros que são estimulo da virtude.

O Manuel

Depois de escritas as páginas anteriores, deliberei conhecer o terrível *chauffeur* posto a ferros de cárcere, enquanto lá ao longe, na sua aldeia natal de Roção, uns òhhos lacrimosos de mãe choram noite e dia o filho bemquerido que era o seu solícito amparo.

Dirigi-me á cadeia da Relação. Só uma vez lá entrara para visitar ùma senhora de Matozinhos que, numa exaltação de ofendida, dera uns tiros num empregado.

No rés-de-chão uns homens vestidos pobremente de ganga azul, quási negra de suja, remexiam em grandes e defumados caldeirões o rancho dos encarcerados.

Informei-me do número de reclusos pela soma de rações fabricadas. Devia orçar por setecentos, me respondeu o empregado. Puz-me logo a cogitar: Quantos criminosos estarão nesse número? Quantos inocentes? Quantos irresponsáveis de actos e vícios incutidos pela educação e pela hereditariedade?

Mas eram horas de visita. Subi a denegrida escadaria, quási sem luz, tateando nessa escuridão lúgubre de treva. No primeiro patamar, um empregado toma conta do meu guarda-chuva, dando-me uma senha metálica. Depois, ao cimq' de outro lance de escadas, outro fêrreo e negro portão gradeado oprime' o coração de quem lá entra confrangido

na ideia de que não são os cárceres que modificarão as sociedades, mas a luz clara e purificadora de escolas amováveis e atraentes.

O carcereiro que guarda este portão, hesita em abrir antes de saber o que desejo.

Parece que o meu aspecto lhe não inspira desconfiança.

As chaves que abrem os portões sinistros, com penas para os que entram e desafogo para os que saem sedentos de liberdade, desceram os pesados gonzos. E lá entrei, enfim.

Constára-me que não era fácil obter essa entrevista. Mas parece que algum poder invisível patrocinava o meu empenho, porque minutos depois obtia consentimento da direcção para entrevistar o humilde herói d'este drama.

Um empregado da secção onde se acha a officina de sapataria em que o Manuel trabalha, encarregado de escripturação, indicou-me o corredor por onde devia seguir. Mas chegada a outro corredor, hesitei para me orientar da direcção que devia tomar.

Nesse momento, distingui um perfil masculino e claro, de linhas retocadas de uma certa expressão, que destacava entre a penumbra do escuro corredor, assomando por entre as grades do portão. E uma voz de timbre agradável e melancólico perguntou brandamente:

— Que deseja, minha senhora?

— Procuo um prêso que se chama Manuel Claro, detido por crime de rapto e cárcere privado.

Uma nuvem de tristeza repentina que me impressionou, contraíu as feições pálidas do encarcerado. E com um sorriso calmo e resignado respondeu:

— Sou eu mesmo.

Imensamente curiosa por anotar todos os fenómenos de telepatia, interroguei logo;

— Porque estava o senhor aqui neste momento?

— Não sei, minha senhora — qualquer coisa de estranho me chamou a este portal.

— Mas costuma aqui andar?

Raras vezes; ocupo-me a trabalhar na oficina para distrair o espírito de amarguras, e porque detesto o ócio e tenho inclinação para o trabalho.

— Venho entrevistá-lo, declarei-lhe. Interessa-me muito esta tragédia.

E, fitando-o de frente, perguntei-lhe :

— Está disposto a informar-me? Tem confiança em mim? Não trago recomendações.

— Queira V. Ex.^a dizer o que deseja.

— Mas como confia em mim sem me conhecer? Posso ser espia da parte contrária. . .

Com um ar de gravidade, que eu curiosamente ia observando, o Manuel respondeu com firmeza e convicção :

— Sim, minha senhora, tenho confiança, porque mais ou menos logo á primeira vista avalio as pessoas com quem trato.

Emquanto o prêso me falava atravez das grades, a minha curiosidade de psicóloga ia analisando traço por traço o conjunto das suas feições, a expressão fisionómica, os gestos, as palavras, as ideias traduzidas no diálogo que ia revelando detalhes interessantes para a definição dêste caso.

Em termos correctos e cortezes, o entrevistado propoz que eu me dirigisse á secretaria para que mais comodamente pudesse ali falar-lhe com autorização do director.

Ele mesmo escreveria um cartão solicitando essa concessão. E dirigiu-se á oficina para escrever o mencionado bilhete.

O andar é um dos detalhes que os fisiognomonistas analisam com a maior atenção para aquilatar o conjunto do caractèr.

Observei o recluso enquanto transpunha o corredor. O exame não foi desfavoravel.

Os passos firmes e bem lançados não eram destituídos de elegância que caracteriza maneiras de nata distincção.

A estatura airosa, delgada e ágil, não indicava uma natureza vulgar. E agora eu ia pensando com algum fundamento:

Porque não há-de existir o embrião de um homem de valor na modesta individualidade de um *chauffeur*? . . .

* * *

Dentro em pouco, o Manuel trazia-me uma tira de papel enlaçada e dobrada, escrita regularmente numa letra de traços característicos.

Dirigi-me á secretaria.

Já passava da hora das visitas. Era forçoso guardar para a tarde. Voltei, e ás 3 horas, o Manuel baixava á secretaria e contava-me uma parte do seu romance, exprimindo-se em termos bastante correctos e revelando-me uma psicologia muito digna de ser estudada e observada com interesse e aprêço.

* * *

Na sala da secretaria pude aprofundar mais o exame fisionómico do recluso e fixar bem reveladoramente a sua expressão.

Entre em pormenores minuciosos. E o Manuel ia dizendo com ar grave e reflectido, resignado e impressionante:

— Olhe, minha senhora, eu bem sei que a maioria da opinião pública me é desfavoravel. Pensam que eu sou um explorador que quiz apoderar-me da fortuna desta

senhora que pretendem fazer passar por doida, e que está em seu perfeito juízo.

« E censuram-me porque acreditam que foi esse o motivo porque faltei ao respeito que devia á sua posição e ao seu nome. Enganam-se, porque não sabem o que se passa no meu coração. É muito difficil de entender. . . »

« Mas se mais ninguem me entender senão a pobre senhora que é uma verdadeira mártir e a tranquillidade da minha própria consciencia, nunca me há-de faltar a resignação para sofrer. »

Fez-se uma pausa que tinha qualquer coisa de solene. Cada vez mais interessada, eu olhava com penetração aquella fisionomia que reflectia certa superioridade. O entrevistado ficara um tanto absorto e concentrado, os olhos baixos, vagueando pelo soalho negro e carcomido, as mãos delgadas, pálidas, nervosas, comprimindo-se inquietamente sobre os joelhos como que querendo reter qualquer coisa de fugidio e longínquo. O fato de ganga azul de recluso, contrastava com um certo cunho de elegância das botinas amarelas gaspeadas de verniz preto que calçavam um pé regular e delgado.

De repente interroguei-o:

— Diga-me, como principiou este drama entre si e a snr.^a D. Maria Adelaide?

O Manuel olhou-me com um olhar em que hãvia sinceridade e tristeza, e contou-me:

— A causa desta afeição, foi a bondade extraordinária desta senhora. Eu nunca vira senhora mais benévola com os seus serviços, mais cuidadosa e desvelada no seu bem estar. Ela não era uma patrão, era uma mãe de todos. Nada lhe esquecia para que tudo estivesse nos seus lugares a tempo e a horas.

« Andei por outras casas onde lidei sempre com bons

patrões, porque também procurei ser para todos o melhor que eu pude. Mas, uma alma e uma inteligência como a desta senhora, nunca o destino me deparára.

« A snr.^a D. Maria Adelaide, em breve percebeu que eu era grato aos seus desvelos e que tinha um feitio de me sensibilisar com a bondade que me era dispensada. Mas eu nunca olhei para ela senão com um respeito e uma ternura que um filho pôde ter para uma mãe. E ela, estou certo que me olhava como um filho.

« Mas não há dúvida que esta afeição começou a apoderar-se de mim com uma força que me inquietava.

« Quando a via cheia de cuidados pelo bem-estar de toda a gente da casa, e especialmente dos empregados, parecia-me que andava uma santa em volta de nós. Esta impressão causava-me um grande contentamento. E eu percebia intimamente que também lhe fazia bem sentir que tinha por ela uma grande adoração. Depois causava-me muita pena vêr que esta senhora não era tratada como merecia. »

Mas o Manuel acudia logo significativamente:

— Que eu, juro, não digo isto por vingança ou rancor para com o snr. Dr. Alfredo da Cunha. Ele julga-se ofendido e procede conforme o seu entendimento. Mas a verdade, que ninguém pode contestar, é que era ríspido com a senhora e fazia-a sofrer muito sem ela o merecer.

E concluiu com certa ironia pungente:

— Mas tanta gente que sabe e que viu esse procedimento, nega-se hoje a confirmar tal verdade, porque acima de tudo só ha interesses, conveniências e ambições.

— De forma que então, existe na sua alma um culto reverente por esta senhora?

— Hoje mais do que nunca, minha senhora, porque á adoração que sentia pela sua bondade, á gratidão por me ter salvado a vida e porque se dispôs a partilhar a minha

existência pobre e humilde, junta-se agora a dôr pelo martírio que por minha causa ela está sofrendo.

— Mas quem sabe o que o destino reserva — repliquei tentando penetrar com a força magnética de um olhar perscrutador o mistério de aquela alma singular.

— Não sei, retorquiu o encarcerado, com um gesto de desalento e de dúvida. Não tenho grandes esperanças de que o processo nos seja favorável. Teem muita força as partes contrárias. Mas o que posso garantir a V. Ex.ª é que, se a causa me fôsse favorável, não me decediria a partilhar da fortuna do snr. Dr. Alfredo da Cunha. Por minha vontade, a snr.ª D. Maria Adelaide, oferecia-a a uma instituição de caridade, e eu lançar-me-ia no trabalho, aqui ou na América, para lhe proporcionar todo o bem-estar e conforto.

Fiquei-me a olhá-lo a remirar o seu perfil, a sondar-lhe a fronte, a radiografá-lo com uma sêde de verdade e de luz, como que querendo fixar na minha retina a projecção íntima dos seus pensamentos, para me certificar se estava ali um ser imaginário, uma alma de eleição, ou algum hipócrita que ludibriava a minha ingenuidade de idealista, para que ela iludisse o público.

O minucioso exame dava provas favoráveis.

Parecia-me que havia reverberos de espiritualidade elevada na fronte alta e esférica cuja palidez contrastava com os cabelos negros e ondedos. O nariz de traço direito, revelava-me as particularidades de talento atribuídas pela sciencia fisiognomónica.

Os olhos brilhavam em lampejos de inteligência viva, que uma vaga tristeza amortecia quando dissera: « Que tristeza, que saúdade eu senti quando recebi ordens de me retirar da casa desta senhora!... »

E falando da mãe declarava :

— Por mim só não me custava sofrer, se por minha causa não sofrêsse a minha pobre mãe, coitadinha, e as minhas irmãs que viviam do meu braço!... E aqui está também o meu primo que deixou sem amparo a mulher e três filhinhos...

«Mas as torturas que tem sofrido a snr.^a D. Maria Adelaide, essas são o meu constante tormento. Porque se assim não fôsse, afinal, a gente aprende muito quando sofre.»

E como que falando a alguém distante rematava numa expressiva filosofia:

— Também há gôso no sofrimento!...

Eu interrogava-me: — será verdade tudo isto, ou não passará de ilusão? Confirma-se a existência de uma alma boa?

Há em verdade, neste drama, a essência de um amor cristão que teve origem num choque de alma para alma, *pela alma?*

Quasi o acredito, tão palpáveis são as revelações.

É uma psicologia do amor que para penetrar nas regiões de uma nobre finalidade, tem de passar antes pela esfera do materialismo e pelo limbo do pecado original?!

Que inspiração é a da minha pena escrevendo isto, que vai fazer pensar tanta gente, e modificar as suas concepções de justiça, senão a colaboração de continuidade nessa obra de amor humanitário encetada por estas duas almas?

Não, não há aqui um caso banal, repito, cada vez mais convicta e interessada.

Este amor de uma mulher que tem tantos méritos na sua delicada organização, é reloaded de transcendente idealidade. Captivou-lhe a alma agitando-lhe o corpo porque tinha de passar pela transição das leis naturais que transformam a matéria em espírito. O Manuel é apenas um intermediário

dêsse sentimento que vai além dos sentidos cristalizar na divinisação do ideal para abranger o culto da humanidade.

Vive nesse amor a dôr simbólica de Julieta e Romeo, de Dante e Beatriz da Hero e Leandro da Mitologia? Existe o amôr que é o ritmo da vida, a melodia do coração, o ardor vivaz de paixões que absorvem e alentam, que enebriam e endoidecem? E' uma transição, é um laço intermediário que enleia almas, corpos, espiritos e corações para se fundirem em Luz de resgate?

Homem e mulher somem-se na bruma da vida material deixando em fóco só os símbolos. Para que julgá-la, para que condená-la, esta paixão, se ela é engendrada de sentimento, pela ideia que se liberta dos pântanos *terrestres* para inscrever no céu luminoso do ideal estas divinas e salvadoras palavras:

BONDADE E JUSTIÇA.

* * *

Já passara a hora da visita. Tinha que retirar-me.

— É muito visitado? — perguntei ao Manuel.

— Por ninguém, minha senhora. Não tenho nesta terra pessoas conhecidas. . .

— Em que passa o tempo?

— Trabalhando. O trabalho é para mim lenitivo e recreio.

— Gosta de lêr?

— Muito, sobretudo história. Quanto estimaria poder têr aqui alguns livros bons! . . .

Levantei-me para me retirar.

Ao transpôr a grade negra do cárcere, voltei-me para o Manuel com piedade humanista.

De pé, triste, em atitude de respeito e de sofrimento, havia no seu porte uma linha de correccão que impressionava.

« Também há gozo no sofrimento », dissera-me o humilde *chauffeur*, num cogitar de pensador e com laivos de resignação que o doce Nazareno ensinou às turbas.

Que se passaria àquela mesma hora noutra coração arrebatado pela cólera e pelo desejo de uma vingança a combater a alma espiritual de um poeta?

E lembravam-me os versos do imortal João de Deus:

a Deus fez as almas aos pares,
Cada um dos seus olhares,
Foi um casal que voou... »

.....

Ao descer a escadaria, notei na grade de uma janela fronteira um perfil pálido e macerado, mergulhado em profunda reflexão. Era o Snr. Conde de Mangualde, expiando o crime do seu ideal monárquico.

Baixai á terra ó Deuses Olímpicos da justiça e da bondade !...

A crítica moralista

Quem luta com uma sociedade que cultiva a inconsciência, quasi que chega a sentir orgulho e prazer em ser por ela atacado, para nunca ser vencido.

Antes que este livro seja publicado, muitas teem sido já as discussões que rebatem o seu texto.

Mas grande é também a maioria que o aprova.

É curioso notar a incoerência de muitos comentadores, a afirmar uma triste leviandade de caracteres,

Quantos ha que hoje estão ao lado da acusada, e apparecem no dia seguinte a defender o marido acusador! Onde existe a moral firme de critérios consciences? Onde está a moral da honra *autêntica*?

Não vale a pena sacrificar-lhe as opiniões francas que encerram mais moral do que todos os fingidos escrupulos da moralidade convencional. E alguns dos perfis de criticos mais intransigentes salientarão a antítese dos seus principios.

* * *

Confirmam-se nas linhas do primeiro d'estes perfis, as regras da sciencia fisiognomónica, porque se assemelham ás figuras estampadas no livro do Dr. Lombardino, intitulado « Leitura do caracter humano », nas páginas

36 com todos os sinais da Destrutividade, 37, indicando o character vingativo; e a páginas 28 indicando o « Mau esposo » por excesso de Amatividade ¹, falho de Conjugalidade ² e Filogenitura ³.

É materialista e conquistador na idade madura de meio século, artritico voluptuosamente gozador de prazeres alimentares e amorosos.

Desempenha funções de representação official que lhe garantem aprêço, prestígio e interesses.

É vaidoso, egoista, ríspido, no dominio conjugal.

É amavel, cortez, polido, na vida pública. É casado com uma adoravel e franzina creatura que amofina e oprime no seu jugo de déspota violento e colérico, disfarçado em aparente bizzarria. Tem filhos debeis que frequentemente brutalisa e depaupera. E mantém relações ilícitas nada morais.

É por isso mesmo que condena este caso, que quer todo o rigor para os culpados, e toda a censura para quem humanamente os justifica.

Representa a farça de indignação, invocando uma *moral* e uma *honra* que rouba e profana anonimamente noutros lares.

E este moralista, defensor de uma moral que como tantos outros não cumpre, é conivente na imoralidade social, primeiro, porque, perante a sua moral, cubiçou a mulher do próximo; segundo, porque usou o rigor com a esposa e com os filhos, contribuindo para a degenerescência da raça; terceiro, para defender as suas conveniências,

¹ Faculdade elemental que faz amar o sexo oposto.

² Faculdade elemental que ama uma só pessoa do outro sexo.

³ Faculdade elemental que ama as creancinhas.

exerce uma acção nefasta no ánimo de outras pessoas que a seu turno se desviam dos verdadeiros princípios da moral sã, baseada na sólida educação física e psíquica de tantos filhos debeis e tarados que produzirão a decadência mórbida da espécie.

Eis um tipo de *moralista* semelhante a muitos outros que formarão a corrente dos censores, porque se não conhecem a si mesmos e porque lhes convem iludir-se a seu respeito, iludindo o mundo de forma a manter em pé as honras e os proveitos da sua profissão e do seu despotismo doméstico.

Mas se falou a razão da minha revolta, fala agora a justiça da tolerância cristã, afirmando que não lhe quero mal por me envolver nas malhas malevolas das suas criticas de vingança contra a verdade.

Porque ao lado dos seus defeitos, alguns valiosos méritos existem, a que se junta o de me dar ensejo a condenar o mal para realçar o bem.

Outro perfil

Tem representação no mundo das finanças. É um tipo masculino de expressão espiritual, linhas fisionómicas de insinuante e suave affectividade. Mas essa expressão tem outros contrastes que revelam uma segunda feição, sujeita a alterações de arrebatamento, que chega a ser furor neurasténico no ambiente familiar. Condena implacavelmente a protagonista dêste drama. Não admite para ela outra classificação senão a da loucura consumada. Mas a agravante criminosa que mais ataca, é a que levou uma mulher da alta sociedade á demência de amar um *chauffeur*.

Invoco os seus princípios idealistas inclinados ao socialismo... Reage replicando: — «Isso é diferente. Se eu quizer um par de brincos de brilhantes, procuro duas pedras do mesmo quilate para se irmanarem». É isso mesmo. Como a verdade triunfa! Um par de brincos ou um par conjugal, carece de semelhança para realizar a harmonia. E é mais que evidente a desharmonia de quilates entre os dois esposos que hoje são adversários, porque nunca foram iguais. Póde haver maior igualdade onde parece existir desigualdade. A selecção das castas não se deve regular pela situação em que se nasce ou se vive. É uma questão de natureza. A posição a profissão, a revelação de cada sêr, são eventualidades.

Na alma de um pastor pôde haver a alma irmã da de uma rainha. E um rei, recamado de honras e pedrarias, pode ser junto dela o algôz do seu destino. O humilde de hoje, pode ser o grande de amanhã. E a moral, em nome da qual se condena e se martirisa, não é afinal mais do que uma falsa teia de preconceitos, de mentiras e prejuizos.

Ha só uma moral verdadeira, é a da bondade, medianeira da justiça e da harmonia nos lares junto de esposas e filhos que vivem sacrificados, perpétuando assim a degenerescência das gerações, que é imoral.

Emquanto essa moral pura e ressurgidora não triunfar da imoralidade do egoismo que impera, raros são os homens que teem o direito de condenar a imoralidade dos crimes passionais que a sua psico-neurose-meio-ambiente, alimenta e cultiva a toda a hora.

No entretanto continuo mantendo a mesma estima e espiritual simpatia pelo adversário das minhas theorias, dño de um formoso coração e de um nobre semblante de idealista, apenas atraçoado pela vibração de nervos doentes e pelas iras que são a bilis contagiosa do epidémico egoismo a que pode chamar-se a árvore do Mal plantada pelo Deus Arhiman, simbolo dêsse mal, em cada lar onde a felicidade e a harmonia sossobram desmoralizando a virtude.

* * *

A que fulminação de críticas se sujeitam portanto as razões aqui expostas!

Vão reviver as leis dos brahmanes que impunham á mulher viuva a pena de ser queimada viva com o cadáver do marido. Exalçar-se-ha o direito bárbaro que permitia atinar o corpo da adúltera ás águas eléctricas do Ganges, ou expô-lo nú nas praças públicas ás vaias e chicotadas da multidão.

15 Mas é das agonias da dor e da expiação iniqua que a
16 luz irrompe como arestas de sol dissipando trevas.

17 Já vai longe a era dos brahmanes. Outra era antes
18 dessa, serviu de farol ás épocas que ressurgem num
19 auspício de equidade. É a era dos Vedas que divinisaram a
20 mulher mantendo-a no pedestal dum culto reverente para
21 manter firmes e puras as virtudes mais excelsas do seu
22 sexo que converteram o lar num templo de amor.

23 Toda a inspiração das ideias modernas que reabilitarão
24 os destinos do sexo maternidade, vem da Índia antiga onde
25 a natureza depositou os germens das civilizações futuras.
26 Concluía a astrologia dêsse tempo, que todo o planeta é
27 satélite do sol e que a lua é satélite de todo o planeta.
28 O sol era considerado o símbolo do sexo masculino. A lua
29 era emblema do sexo feminino. Cada qual tem a sua
30 função nos movimentos vitais do Universo. O sol fecunda,
31 mas a lua cria. Se um é alma e luz do dia, o outro é alma
32 e luz da noite. E rebatendo as investigações de hipóteses e
33 cálculos sobre os misteriosos destinos e disposições plane-
34 tárias da lua, ha quem diga hoje, iluminando-se nas luzes
35 dêsse tempo, que a lua é o verdadeiro Astro da criação.
36 Completando a fecundação solar, ela é na mesma relati-
37 vidade procreadora o que a mãe é na função da maternidade.
38 A Terra é a filha de ambos. O sol lhe envia o helios gera-
39 dor; a lua lhe alimenta as seivas que germinam, dando-lhe
40 o leite dos seus orvalhos, os beijos argênteos do seu luar.
41 E de toda esta relatividade entre a vida de amor cósmico
42 e a vida dos seres humanos, concluíam os Vedas, idolatras
43 da mulher, que ela tinha direito a ser considerada como
44 divinisação pura da luz genésica do amor, a mãe venerada
45 da humanidade, como a lua glorificada pelo culto cos-
46 mogónico das reveladoras fases espiritualistas. E como a
47 lua é a musa da poesia e a lira da inspiração que enternece

as almas enamoradas da beleza e do amor; admite-se que a magnética fosforescência, difundida pelas projecções do astro sonhadôr, contem uma substância fluidica que é o *preespírito* radioactivo do amor nas suas mais belas expressões de piedade e de ternura, que, sendo mais intensas na alma da mulher, tornarão melhor o mundo pelo altruismo.

* * *

Assentou nestas bases profundas a moral dos Vedas que fez da mulher uma apoteóse do amor. Essa moral foi suplantada por uma reacção desmoralisadora dos códigos brahmanicos.

Os Vedas criam um mundo de lirismo e magia nas divindades mitológicas. Pan e Tebo consagram na ninfa Eco, a mágica dos espaços celestiais que abre as portas do Olimpo às Deusas, às Musas, às Ninfas para matizar o mundo de graça e iluminá-lo de Amor, de espiritualismo e poesia que sublimaria a vida ao sôpro de preclaras virtudes contidas no culto do «Eterno Feminino». Mas veem os segundos reformadores e precipitam a inversão dessa encantadora religião coroada de astros e de mirtos, embalada de harmonias de arte e perfumada de ideais canduras. Baixa o espiritual e sobe o material. Abrem-se os serralhos e os harens. A orgia invade os próprios templos. O culto sagrado da mulher-mãe, símbolo de puras e sublimes virtudes, substitue-se pelo culto profano e pagão da cortezã. Às clamides sagradas da pureza, succede a embriaguez de lascivias indecorosas. Depois de envelhecida nos harens e desprezada nos serralhos, a mulher é atirada á beira das estradas, vendendo o corpo misero e avariado. Ei-la prostituida para abrir os lupanares. E o homem, perdido no inferno da lubricidade, cria necessidades de poligamia e

excitantes de voluptuosidade *contre-nature*, que serão a decadência das gerações futuras chegando ao auge nas orgias afrodisíacas da Roma dos Césares e de Nero, que sepultaram a civilização da Grécia forte, heroica e vitoriosa.

Eis em resumo a história da decadência dos povos com a sua decomposição de libertinagem, de avariose moral e física, os seus dramas de adultério que têm origem no direito de poligamia de pais que geraram filhas sensuais; com as suas inversões sexuais que invertem o caracter e a natureza especial de cada sexo, reduzindo-os a uma amalgama de psicologia e de fisiologia que é um labirinto de târas patológicas.

Daqui se conclue que o nivel da moralidade pública baixou desde que se rebaixou a dignidade da mulher e se oprimiu como serva do homem, sujeita aos mais duros maus tratos que plantaram a imoralidade nos lares.

* * *

A ética humana, para ser verdadeira, ha-de partir da educação do homem e da mulher.

Ambos estão fóra do seu lugar, com raras exceções. E fóra do seu lugar estão os desordenados movimentos do maquinismo social.

Revoluções, dôr e imoralidade são o pão quotidiano de uma humanidade que luta desesperadamente para encontrar a felicidade, afastando-se cada vez mais da misteriosa floresta onde permanece mergulhada em sonhos, « *A bela Dormente do Bosque* », que é mister acordar para criar alma nova ¹.

¹ Do livro « *Se queres Viver Desperta o Luta.* »

* * *

É realmente nas concepções altíssimas da família que as sociedades progridem. Mas não da família unida por aparentes laços de harmonia, que acabam por quebrar á falta de solidez cimentada no amor reciproco.

* * *

Diz o artigo publicado no *Janeiro* do dia 14 de Maio, na apreciação do estado mental da doente discutida :

« Os domínios intellectuais foram relativamente poupados, por isso que não existe delírio, nem sensível *deficit* da atenção, da memória, da preceção, ou da associação das ideias apenas afectadas por obsessões descritas; mas os domínios da affectividade, foram invadidos por um súbito processo de inversão, que leva a doente a odiar os que mais estima. »

Existe realmente o facto dessa inversão?

Póde ser. Mas se existe, não será uma consequência de outra anterior inversão affectiva que causava as manifestações de rispidez e secura de que era frequentemente vítima a acusada de hoje?

Foram os domínios da affectividade invadidos por outros affectos fóra dos laços conjugais?

É que lhes faltou a ternura e o culto a que tem direito uma mulher intelligente e sensível. Daí o vácuo que foi cavando na alma o sulco de outras emoções. Daí o desconsolo que a minava quando, prodigalizando carinhos, era correspondida com a réplica agreste do « Não me maces », a que se refere o livro « Doida Não! » a páginas 5.

É porque ha de um homem qualquer ter sempre razão

quando deixa de dar á mulher a ternura que é o combustível do amor, e se ela a recebe de outra alma, pôde exercer impunemente sobre ela uma cruel vingança com direitos de algoz? Esse direito já passou á história. •

Todo o ideal da mulher delicada e terna, é o amor que faz a felicidade e a alegria do ser amado. Emquanto que, no homem, o ideal do amor, na maioria, com raras exceções, é gozar, possuir e substituir o amor que morre no tédio pelo amor que renasce fóra do lar na caprichosa variedade das sensações capitosas da poligamia, que será nas filhas uma tara de adultério.

* * *

Mundo em que as mulheres sofram servidão, e mundo sem possível renovação. Mães oprimidas só podem produzir gerações de opressores. Pais despóticos, egoístas e libertinos, só reproduzirão raças de déspotas, de sensuais e de ambiciosos.

Eis aqui o mal da raça, o mal da familia, o mal do mundo.

* * *

Não é preciso ir além deste caso para certificar da soma de sofrimentos que a si mesmo prepara todo o homem que não se esforça por educar a sua fôrma de ser conjugal para realisar uma harmonia de vida íntima educando, estudando, e amando carinhosamente a esposa.

Bem sei que ha muitos casos em que os homens são vítimas de certos temperamentos de mulheres que estão fóra do seu sexo.

Existe em tais casos uma inversão do character especial de cada sexo, como de resto existirá sempre emquanto as condições procreatoras e a degradação sexual fôrem o que são hoje, pondo todos os elementos de reprodução fóra do seu lugar. Bem sei tambem que o sexo feminino está tristemente desvirtuado pelo impudor de uma garridice tão excentrica como indecorosa, que é hoje o culto mais fútil de tantas mulheres.

E vai sossobrando o culto da mulher bela, forte, virtuosa, que tamanha idolatria mereceu aos antigos povos asiáticos e gregos. Mas é por isso mesmo que é preciso fixar a atenção no que a mulher *foi, no que é, e no que ha-de ser*, para a restituir ao seu sexo, ás suas funções fóra de uma falsa civilização que a preverte física e moralmente, obrigando-a a sair do lar, onde deve ser a semi-Deusa que, encarna a divinização do Amor, e é Ara santa de todas as virtudes.

* * *

Fóra dêstes princípios vai-se ao encontro da infelicidade. E foi o que aconteceu neste episódio de amores trágicos e o que com outras variantes acontece em muitos lares, com character de escândalo público, ou em mistério de dôres anónimas e desenlaces de separação de loucura ou de morte, que se atribuem a outras causas para salvar conveniências artificiais, sem noção da responsabilidade social que o facto representa.

E é por tudo isto que o nome e a vida illustre do snr. Dr. Alfredo da Cunha e de sua ex-consorte andam sofrendo, envolvidos em fundos desgostos. E' por êsses erros de concepção que a sua vida íntima vem á discussão pública sujeita a comentários que molestem o amor próprio.

E entram em jôgo os piores sentimentos de cóleras, ran-

côres e vinganças, pondo em cheque sentimentos elevados que existem no coração de uma mulher boa e na alma de um poeta, onde por certo a emoção deve sofrer, fazendo sangrar de dôr o coração e o brio pessoal.

Tudo isso é sofrimento que derrota, esmaga, infelicitiza, desviando do caminho da felicidade e da vitória que os homens buscam alcançar no seu esforço constante de triunfo que os torne poderosos, célebres e livres.

* * *

Em conclusão.

Tudo quanto é negativo, atrai o mal que é negativo.

Tudo o que é positivo atrai o bem que é positivo.

O egoísmo é uma negação. Logo repele a felicidade.

O altruísmo é uma verdade positiva. Logo atrai a felicidade.

Se neste caso o temperamento egoísta houvera cedido à natureza altruísta; se, rendido o coração do homem às ternas solicitações da mulher, lhe houvera compreendido as necessidades de alma, intensa e vibrante, teria cultivado em si mesmo toda a gama aperfeiçoadora e genuína dos affectos delicados, tão necessários á felicidade humana como raiz pura e viçosa em que se embevem as seivas da bondade para produzir os frutos bemditos de uma Paz doméstica e mundial.

* * *

É em vista da importância destes problemas, que com tal caso se prendem, que eu me propuz estudá-lo a fundo, dentro da minha modesta capacidade de psicóloga. Qual o meu fim ao provar que não existe razão nem lei natural que torne toda a responsabilidade de um delito á mulher que prevaricou por delitos de responsabilidade

comum? E' fazer ver á consciência da sociedade que os seus códigos devem assentar noutras leis de equivalência, para que as leis possam equilibrar o fiel da moralidade pública.

Os laços conjugais, não são grilheta de um sexo, á custa das regalias de outro sexo.

A família é a síntese do amor quando o amor a sustem e a perfuma como uma grande e mimosa flor aberta a todas as auras da virtude, rociada de orvalhos celestes que são consôlo e repouso, affecto e harmonia, beleza e bondade.

E', emfim, o pedestal do progresso quando inspirado numa alta visão espiritual, como nos poemas cosmagónicos da ultra-espiritualissima familia Egípcia inspirados nas revelações de Zoroastro, e a cujo sôpro creador se formou o espirito colectivo de um povo idealista embevido nos resplendores da arte e da natureza, embalado em ritmos de música, de poesia, de amôr e de beleza, ao som cadente das maviosas cítaras, sob ondas de incensos perfumados e celebrando maravilhas de estatuária cinzelada em mármore pantélicos, ou hexâmetros sublimes burilados em odes imortais.

* * *

Tambem nos salões de S. Vicente se celebrou a arte, pura na poesia e na música. Mas êsses festins não consagravam na apoteose da arte a apoteose do amor conjugal, porque eram precedidos, muitas vezes, de prelúdios de lágrimas vertidas pela maguada sensibilidade de uma esposa.

¹ Página 167 do livro « *Doída Não!* ».

* * *

E' muito diferente justificar um facto para não degra-
dar um sexo, para defender princípios que são a segurança
fundamental da moral verdadeira, ou aceitar esse facto
como princípio e base de uma moral de amor livre.

Penso que a forma de organização mais moral das
sociedades, é a harmoniosa organização da família. Mas não
nas condições em que hoje está constituída. Conheço
milhares de mulheres que são verdadeiras escravas como
esposas, como irmãs, como mães e como filhas.

E tenho três netinhas que são a luz dos meus olhos e
o alento do meu dilacerado coração. A moral da virtude
que tanto almejava pôr em prática para lhes formar um
caracter, um coração e um entendimento robusto num
corpo vigoroso e belo, está demasiadamente comprovada e
bem sinceramente revelada num livrinho a que dei o
título «Corações Infantis». Que o destino seja o padroeiro
dessa aspiração para que a vida estremecida de esses três
pequeninos e angélicos amores não seja a continuação do
«Calvário da Mulher» que a avó tem sofrido para culti-
var no mundo ideias de justiça. E que jámais a candura
das suas alminhas seja envolvida em tragedias que depri-
mem a dignidade das mulheres e dos homens, expondo-as
a opróbios, amarguras e tormentos infinitos.

Haverá, porém, quem diga que ensinei as mulheres a
apaixonarem-se pelos serviços, defendendo a paixão e a
pessoa de um *chauffeur*?

Haverá quem diga que eu exalto a família e de-
fendo o adultério, ou o admito na desigualdade de gerar-
quias em que se deu o drama que o público vem comen-
tando?

Não defendo pessoas nem paixões. Defendo sentimentos e princípios.

Ora, fixando os olhos nos tormentos e inclemências porque estão passando os dois protagonistas principais do drama, com certeza as mulheres, taradas pelas consequências da poligamia, da educação ou do meio ambiente, terão no caso uma tremenda lição.

E depois, nem todos os *chauffeurs* estão no caso d'este, nem todas as mulheres são esta especial organização. Assim como nem toda a flora são rosas, nem todos os minerais são diamantes.

Tambem de vez em quando se desprendem da órbita celeste os metéores que servem de estudo aos astrólogos. E assim, no girar dos destinos humanos, há creaturas que já trouxeram igualmente da orbe planetária o seu *karma* ligado à existência presente e futura.

Essa lei resiste a todos os decretos humanos com uma força que escapa á vontade dos seres, e que põe na boca de uma mulher enérgica estas expressões: — « Não há manicômios, não há cadeias, não há leis, não há homens que nos separem; porque, quanto mais imaginam fazê-lo, mais nos aproximam.

« Quando dois entes sofrem um pelo outro o que nós temos sofrido, apenas a morte tem êsse poder, e para isso é necessário, ainda que para além da morte nada exista. Assim creio que restará apenas aos homens o direito de desejar que o destino absolva ou castigue as vitimas da própria fragilidade.

Para a Senhora D. Maria Adelaide meditar

Antes que a pena fixasse no papel as considerações que venho expôr-lhe, meditou-as profundamente o coração que ao pensamento as inspirára.

Rodeava-me uma solenidade augusta, nessa hora de meditação.

Um patético luar « Clair de Lune », como o que inspirou o imortal Beethoven, inundava de poesia e de sonho a janela do meu quarto solitário virado ás brisas do mar.

A ode eterna da lua, desprendia sôbre a terra a luz velada do seu mistério que põe nos lábios murmúrios de unção, e curva a alma em genuflexão ideal, enternecendo e inspirando. Foi nessa hora de silêncio e de recolhimento, que invoquei o seu olhar profundo, maguado e dôce, para penetrar no íntimo da alma apartada do redemoinho do mundo prevertido de indignas cubiças. E visionei um rosário de lágrimas caindo d'esses olhos maguados e tristes.

Porque choravam os dôces olhos? Porque a alma padecia escrava de si mesma. Mortificava-a uma luta de sentimentos desencontrados. De um lado, a paixão que domina, atrae e quebranta. Do outro lado o apartamento, a saúde, o amôr de mãe a impelir o coração até junto do filho nunca esquecido e sempre amado. E o coração, de outro amôr possuído mas não rendido, debate-se na ância dos escravizados. Cabem-lhe lá dentro mananciais de affectos. Quiz

conciliar a todos como um arco iris de imensa ternura. Mas a sociedade implacavel e severa, não admite êsse poder. A alma despedaça-se na luta. E os olhos vertem prantos atri-
bulados.

* * *

Mas o seu filho, minha senhora! Quem melhor poderá falar-lhe do amôr que por êle sente o seu coração, senão o coração de uma mãe? Bem pôde o filho, apartado de si mesmo, ter ferido de desamôr e de egoismo, que hoje invade todos os ânimos, a alma da mãe que se queixa.

A queixa é desabafo, que nunca abafa o amôr. E êsse proceder do filho amado, não é senão exaltação do momento, defeza de conveniências de ordem pessoal e social a que arrasta esta orgia de interesses e ambições em que se converteu o mundo. Mas êsses impulsos são apenas exterioridades instaveis que não penetram o invólucro do coração.

A alma das mães é quasi sempre sublime. Espera, esquece e perdôa. A neurose do século é a responsavel de todos os arrebatamentos e desharmonias familiares que só a indulgência e o amôr reconciliam.

* * *

Quanto mais delicada é a alma, mais sujeita é às fraquezas e mais fácilmente se deixa por elas dominar.

* * *

Minha Senhora — No julgamento imparcial do emocio-
nante episódio em que a lançou o destino, tenho-me esfor-
çado por manter o seu nome e os seus actos num plano de
rehabilitação condigna dos seus méritos e da sua posição

social. E julgando o homem de que o destino quiz fazer o seu companheiro de infurtúnio na dura expiação de um crime de amôr, fiz por elevá-lo conscienciosamente á altura dos meritos que distinguem a mulher virtuosa da mulher frágil.

Mas se justifiquei o facto; se expliquei a sua origem, se o atenei nos limites máximos da minha consciência para resgatá-la da malevolência do mundo, salvaguardando as virtudes meritórias da bondade, da intelligência que tem sido aureola de simpatias na vida de V. Ex.^a não devo nem posso abdicar de outros principios porque se regem os costumes da sociedade actual. Se assim não procedesse, prejudicaria a imparcialidade e a justeza das apreciações. E destruiria o efeito da defeza, se não entrasse tambem no campo da accusação.

Porque se as culpas de V. Ex.^a se revestem de sólidas atenuantes, nem por isso deixam de ser culpa. É V. Ex.^a a primeira a reconhecê-la confessando-se responsavel pelas lágrimas, pelas atribulações e prejuizos a que tem arrastado a estonteadera culpa de uma paixão. É nobre essa confissão. Mas será nobilíssima se fôr consagrada pelo arrependimento. A bondade, o dever e sacrificio, serão a divisa dêsse nobilitante arrependimento.

Disse De Tocquebille, um célebre francez: « Nada ha no mundo que valha a pena senão o cumprimento do dever. Cada vez me convenço mais de que a felicidade consiste no cumprimento dêsse dever, e que só êste é legitimo e real. Porque a única coisa neste mundo que merece nos esforcemos por alcançá-la, é o bem do género humano.»

* * *

Saiu fôra dos deveres impostos pelas leis sociais de hoje, o acto de V. Ex.^a. Causou dôres e sobressaltos, desdita,

oprobio e revoltas. Recalcou orgulhos, violou pudôres, feriu sentimentos, desencadeou rancôres, violências e âncias de vingança.

Tenho de ser leal com a minha consciência acusando os efeitos depois de haver justificado as causas. Porque se há em mim um espirito livre que vê claro na razão e na justiça fundamental das causas, que affectam uma sociedade inconsciente, há uma outra forma de vêr à parte dessa, e que procede cingida aos preceitos da educação do meio e das regras que formam o espírito da época.

Defendendo a V. Ex.ª, estou dentro dos princípios que formarão a consciência da sociedade futura.

Mas não posso absolvê-la em obediência aos dógmas da sociedade de hoje. Convenço-me no entanto que a aclamaria a absolvição geral da sociedade, se o amôr da mãe suplantasse a paixão que abraçou o coração da amorosa.

Que poema de renúncia para a história dos heroísmos femeninos!...

.....

* * *

Decerto V. Ex.ª conhece a história de Cornelia, Mãe dos Gracos. E portanto não ignora que depois de viúva de Sanponio, Talomteo, o poderoso rei egipcio, lhe oferecera um amôr ardente sôbre um trono de faustosa realeza. Viveria em palácios de ouro e mármore pantélico cercados de luxuriosos palmares e de soberbos odeliscos. Deslumbraria pela formosura aureolada por um septro de rainha.

Mas a filha imortal de Escepião, preferiu a todos os amôres e a todas as glórias a glória de ser a mais virtuosa das mães e das mulheres romanas. A sua paixão, o seu único amôr, o seu ideal, o seu dever, as suas joias, são

os filhos que mais tarde seriam os heróis tão célebres da história romana. Com que desvanecimento e orgulho ela os mostra á pueril matrona que vem falar-lhe só de frioleiras e atavios curiosa de indagar do valôr das suas joias!

E a ternura valorosa desta mulher heroica, desdobra-se em heroismos, bondade e intrepidez, na alma dos filhos bemqueridos, para formar a alma espiritual e valorosa da época mais nobre e célebre de Roma.

* * *

Sendo tão piedosa e tão boa, deve V. lxx.^a ter em si o espirito de heroísmo que floresce em vocação de sacrificio.

Renunciando a uma paixão fatal, renasceria para a glória da abnegação. Rendeu-se á fraqueza. Triunfaria na fortaleza que seria a conquista de si mesmo.

Retomando o seu lugar de prestígio social, mais dignificado do que nunca, pela renúncia, abafaria o rubro incendio da paixão, para atear o suave crepitar do amôr filantrópico que preencheria o vácuo de todas as ternuras. Então se consolidaria definitivamente perante o mundo, o formoso quilate da sua alma, do seu carácter e do seu coração.

E ficaria gravada em páginas de ouro a mais bela epopeia da magnanimidade feminina.

* * *

Porventura já pensou V. Ex.^{ta}, que é tanta vez doloroso o despertar dos sonhos de amôr que se abismam na realidade? Já ponderou que, afinal, existe entre duas existências que a sorte atraiu, uma diferença de posição, de idades e educação, que pôde vir a ser dura contingência de desharmonias e desengano?

Esquece que, no outôno da vida, uma rajada de sofrimento breve desfôlha as últimas rosas de juvenil frescura que é um milagre psíquico no seu gracioso e expressivo semblante? E se o encanto espiritual é fascinação e combustível de afeições ideais em ânimos educados, pôde sobrar em desdem e desharmonia após a realização de aspirações e desejos que arrefecem e pulverisam a dedicação, quando consumados e satisfeitos.

Depois, nunca pôde aquilatar o grau das dedicações quem tem entre si e elas, a posse ou promessa de uma fortuna que sempre faz medrar cubiças. Méritos sem dinheiro, só raramente se reconhecem. Só penetra o fundo escuro das almas e da sociedade, quem tendo muito que lhe dar em virtudes e pensar, algum dia careceu de reclamar apoio para trabalhar pelo bem comum.

Então, essa sociedade artificiosa e covarde, recua, retrai-se e ultraja. E faz das virtudes defeitos, para justificar egoismos, convertendo em virtudes defeitos que favorecem as suas mais mesquinhas conveniências.

* * *

As almas insaciadas de beleza, nunca se sentem satisfeitas no amôr em que dominam as imperfeições de instintos imperfeitos. Só libertas do contágio do mundo grosseiro, sentem as verdadeiras emoções do amôr elevado e nobre que é eucarestia da sua fé, na pureza de um sacrário de virtudes ideais.

E quando o amôr profano é fulminado pela condenação das turbas, pela blastêmia e maldição que medrou em rancôr noutras almas, nunca pôde sair de um limbo de tormentos, de expiação e desesperos.

* * *

Minha Senhora — Eu tenho sofrido fundas agruras na minha penosa via-sacra de mulher, de vítima da sociedade e de idealista. Mas o destino reservou-me uma recompensa. Concedeu-me uma alegria infinita entre uma dôr imensa.

Tenho três netinhas que são quatro amôres. E quando os seus olhos transparentes como lagos e lindos como estrêlas me trazem a carícia da sua ternura; quando os seus bracinhos carinhosos e sensíveis me enleiam o rôsto vincado pelo sofrimento; quando a melodia da sua voz querida e terna murmura enternecida ao ouvido encantado «*voud*», florescem rosas de consôlo e alegria em tôrno dos braços de uma cruz.

Esqueço toda a dôr, aparto-me de todas as maldades do mundo, refugio-me do ultrage de todos os ódios, de todas as ignorâncias, e vejo só esta: enternecedora inocência, concentro-me sómente na graça e no enlêvo dêste amôr que consôla, alenta e purifica. Porque quando a alma é nobre, sacrifica aos affectos puros, todas as paixões em que se misturam laivos de pecado.

V. Ex.^a tem um filho que a ama e que poderá em breve dar-lhe netos. Mas V. Ex.^a nunca poderá sentir as alegrias e o consôlo que eu experimento, se a paixão que a avassala fizer do coração dêsse filho um tûmulo do affecto maternal.

A existência da avô terna e compassiva, ficaria sendo, talvez, um cemitério de amarguras, um exílio de affectos, de saúdaes e desconsôlo recamado de urzes de martírio que nenhum outro amôr seria capaz de reverdescer.

E, por sôbre tanta desolação, talvez as cinzas frias de uma paixão morta, requeimada, que deixaria de si apenas o

rastrado de piedade da amorosa, condensado na luz que brotou do seu julgamento desenrolado na alvorada da nova consciência social.

* * *

Mas quererá o destino que a sua existência siga a vereda da adversidade, desviando-a da única via da redenção?

Que alegrias brotariam da vida que se consagrasse a uma grande obra de beneficência, dispersando nela os tesouros da sua peregrina bondade e da sua excelsa e fecunda inteligência?

Para que mais dispêndios fabulosos de processos, para que mais papel selado, para que mais perseguições e afrontas?

Todo este drama teria como nobre epílogo a fundação de uma obra de amor que se destinaria a educar e proteger crianças em princípios de sólida moral, que previsse todas as fraquezas e solidificasse todas as resistências.

Sepultado o passado num sarcófago de olvidos, erigir-se-ia um monumento de bondade, sobre um cristalino alicerce de perdão, de sacrificio e sublimidade.

.....

* * *

Emquanto escrevia estas paginas sentidas, esvoaçava uma pequenina e branca borboleta em torno da luz que me alumiaava. Tanto agitou as azitas vaporosas, inquietas, na fascinadôra vertigem da luz que a deslumbrava, que por fim se arremessou num vôo doido e depraideiro, contra a chama que ia devorá-la.

Mergulhou o corpito estonteado e trémulo no combustível candente e derretido da vela, que ardia frouxamente, na

crise de luz, que, assignala de trevas cerradas, o século das luzes. Um estalido sêco e rapido pulverizou o débil insecto.

Quiz salvá-lo. Mas já era tarde. Só retirei daquela luminosa sepultura um despojo informe e minúsculo. E agora, êste misero fraguemento da alada mariposa, está diante dos meus olhos pensativos, como um simbolo vivo das paixões humanas que seduzem para aniquilar.

O vôo da pobresita que se desmaterialisou num rapido estestôr, é a imagem dos arrebatamentos em que se afoga o coração, e a vida se despedaça num estalar de agonias que são morte depois de haverem sido delirio e embriaguez fatal. Mas alguma coisa ficou do alado insecto. Pereceu a vida material para volver ao encreado, para se transfundir de novo em ideal. E' enquanto o corpito carbonizado destaca sôbre a alva mortalha de uma fôlha de papel, desprende-se dessas células mortas uma onda de impalpavel energia fluídica que se transmitiu a esta pena para traduzir a ideia. Essa ideia irá num vôo de pensamento adejar de alma em alma, pondo diante dos olhos atraídos pelas tentações de amôres de perdição, os despojos da branca borboleta convertida em emblema inanimado do martirio que é remate das insensatas paixões das almas revôltas.

Que as azas de esta paixão sejam carbonisadas como a alada mariposa, ficando das suas cinzas apenas o espirito creador que irá iluminar almas e converter consciências.

Castigo rigoroso

Vivemos num país onde vigora a lei do divórcio.

Essa lei é estabelecida em princípios de moralidade, embora descambe em abusos imoralíssimos. Mas esse desvio não é efeito da própria lei, antes é proveniente da decadência anterior dos costumes e dos caracteres.

Admite a mesma lei, como base de moral salutar, o direito de separação dos cônjuges desde que uma flagrante incompatibilidade os desharmonisa, ou existam razões, quer íntimas quer públicas, que justifiquem a separação, o abandono do lar, e certo sentimento de aversão e repulsa que a mulher começa de sentir na vida conjugal quando melindrados os seus mais delicados sentimentos, deprimida a alma e terida a susceptibilidade dos instintos.

Dadas tais circunstâncias, o amor está morto. É a morte do amor é a dissolução do matrimónio e um passo para o adultério.

* * *

Morrera o amor no caso de que se trata. De há muito debandara do lar aquela doce esperança de ternura e harmonia que é a andorinha amorável dos affectos, fazendo ninho no coração dos esposos. Em virtude de circunstâncias especiais, não se effectuára o divórcio, algumas vezes solicitado depois de vários e repetidos conflitos.

Explica a Snr.^a D. Maria Adelaide, que renunciára a essa separação para evitar os prejuizos que recairiam sobre seus irmãos, associados á empresa do *Diário de Noticias* e para se não vêr privada da companhia do filho.

O divórcio estava porém infelizmente consumado. E, numa hora fatal, chegou o momento da perdição.

Os lábios sequiosos de carinhos, libam o venenoso filtro que enlouquece. E a razão vacilou entre o dever que prende ao lar e a revolta contra todos os preconceitos que leva ao abandôno da casa, da família e da sociedade.

Existe um delito. Não o contesto nem o aplaudo.

Mas o castigo tomou um aspecto de furôr violento que reviveu os lances da tragédia helénica do Sofocles.

Tiveram muito de trágico e de odioso os casos passados depois do abandôno do palácio luxuoso onde reinava a opulência, mas não habitava o amôr, a paz e a felicidade.

E o que deveras impressiona é a violência brutal e o rigôr deshumano dos esbirros policiaes¹ exercido na éra das democracias, contra uma mulher franzina, delicada, que haveria o direito de rehabilitar da queda, atribuída a causas mórbidas e que imprudentemente se lançara nos perigos do descrédito, expondo a familia a sobressaltos e desgostos. Mas maltratá-la com violências, expô-la a maiores humilhações e afrontas, fazê-la deitar numa taberna imunda sôbre um monte de palha; levá-la á fôrça por serranias íngremes montada violentamente num cavalo sem aparelhos próprios, coberta de neve, tintando de frio, ouvindo grosserias e insultos que só ás rameiras é licito dirigir, é, em verdade, um desencadear de fúrias que ressurgem direitos bárbaros, fazendo da mulher objecto de total sujeição amaldiçoada pelas cóleras de Némises, a Deusa mitológica das iras fulminadôras.

Após esta punição, o pavôr do manicómio. Mas, em toda a sua verdade rude e crúa, o factó explica-se e justi-

¹ Do capitulo do livro «*Doída Nao!*» intitulado «*Da Serra ao Tribunal*» a paginas 39.

fica-se. O esposo ofendido leva a quantos procedem subordinados ás suas ordens, um frémito de irada indignação. Envenenado o coração de ódio e de máguas, sedento de vingança e agitado de despeitos, nada mais vê do que a sua tortura, o seu íntimo desespêro, a sua honra ferida.

Conjugam-se nesse estado de alma o furôr de Othelo, que, nas mãos brutais do mouro impetuoso, estrangulára a nívea garganta da Desdemona. E as vinganças de Hamlet quando fere a alma cândida de Ophelia com os dardos do sarcasmo, exclamando em ímpetos de irónica e implacavel revolta que a si mesmo se condena e ofende:

«Sou vingativo, duro, orgulhoso, exaltado,
De tantas tentações e um só tempo asaltado,
Que nem as sei dizer, nem as contar consigo.
E todos, afinal, parecem-se comigo:
Nós, entre a terra e o céu, rastejamos no mundo,
Luteis inimicos dentro de um charco imundo...
Entra para um convento, homem uenhuta merece
Uma lagrima, um beijo, um suspiro, uma prece...
Entra para um convento... Adens!...»
.....

* * *

Shakespeare agitou na tragédia emocionante a história de todas as paixões, de todas as cóleras e de todos os amôres. E se o destino elegeu a alma de um poeta para viver em realidade essas paixões, é que decerto a predestinara para as grandes e fundas dôres que se transfundem em luz ideal — « Padeci, logo vivi e criei », eis a legenda do alívio e da resignação, que inspirará na odisseia das suas angústias a alma do poeta que delas deve fazer uma epopeia magistral para apontar á humanidade o trilho da virtude apartando-a de erros, de vícios e maldades.

Para o coração do Manuel ler ao coração da mãe ¹

O amor de mãe é o luzeiro vespertino de todos os amores, o sol de todas as bondades. Sorrisos e lágrimas, ternuras e beijos, inspirações e disvelos, são outras tantas ilôres de beleza que despontam no seio das mães, como em ara santa as chamas iluminadoras dos holocaustos.

O Manuel é bom e sensível, porque tem uma mãe bondosa e terna. Disseram-me esta verdade a sua fisionomia e as suas palavras. Falta só que o confirme a nobreza dos seus actos.

Dirá o mundo que me engano a seu respeito? Pensarão que avalio romanticamente a sua pessoa e me excedo em demasias de aprêço? Todo o aprêço é justo para julgar o que se nos afigura digno dêle.

* * *

Venho dizer-lhe palavras que farão vacilar o castelo encantado das suas esperanças. Mas a torre de oiro e sonho onde subiram alto aspirações de amôr e riqueza que o mantem cativo, como as mouras da lenda antiga agrilhoadas por amor em feudaes castelos roqueiros, está sujeita a desmoronar num mar de desilusões e angústias.

¹ O Manuel está encarcerado por incursão do rapto e cárcere privado.

São de dôres, de felenias e lágrimas os alicerces. E em todo o alicerce mal cimentado, é infalível a demolição do destino.

O Manuel estremece a sua mãe e é por ela estremecido. O coração de uma mãe é um sacrário de virtude e um poema de abnegação. E não ha melhor juiz, melhor advogado, melhor confidente, para julgar todos os actos de um filho dilecto. Imagine-se junto dêsse coração que pulsa no peito amante onde o seu coração se formou. Cinja em espirito o seio terno que destilou o leite da vida e do amôr nos seus rosados lábios de infante. Beije com unção aquelas mãos amorosas e solicitas que lhe ampararam os primeiros passos vacilantes. E com os olhos de alma fitos nos seus olhos lacrimosos e aflitos, que tanta lágrima tem feito chorar uma paixão ardente, diga-lhe contrito:

« Mãe! Puz muito alto os sonhos do meu coração. Deu-lhe o amôr, gerado num nobre impulso e bafejado de nobres compadecimentos, tamanhas e radiosas azas de esperanças, que, endoidecido e apartado de temores, subiu alto num céu de enebriamentos, para mergulhar em oceano revôlto de fundas e amargas desditas. Mas para que o meu coração amasse, outros corações sofreram. Foi usurpador de outros affectos o amor em que se abrazaram dois trageis corações, olvidados de deveres e de conveniências e perdidamente atraídos pela bondade.

Este amôr, roubou ao coração de uma mãe, o coração de um filho que, amando-a e respeitando-a, acabará por detestá-la, por olvidá-la e renegá-la. Poderão ser ditosos os amores e a vida que são ladrões de outros amores, e assentam a sua felicidade e a sua alegria na infelicidade e na mágua de outras vidas? Será digno do amor de uma mãe o filho que separou de uma mãe outro filho? Merecerá a consideração do mundo, e terá direito aos beneficios da

sorte, a vida que conspirou contra os direitos affectivos e o prestígio social de outras existências prestigiosas? »

E embora a mãe seja uma humilde filha do povo, uma inteligência obscura e inculta, ella possui um coração cheio de amor que é mais sábio do que os mais sábios filósofos, mais amante do que todas as paixões amantes, e tão puro nos seus affectos previdentes como a limpidez dos arroyos ou as boninas dos montes.

E então, decerto, esse amor de mãe, responderá ao filho amado :

« Assim como não podia ser feliz a mãe que para te amar se apartou do filho e arrancou aos meus doridos braços os teus braços que eram o meu amparo e o meu carinho, também não podes tu ser feliz, meu filho, porque usurpaste no coração de outra mãe o lugar que pertencia ao filho das suas entranhas.

Todo o amor puro é uma benção. Todo o amor pecaminoso é uma maldição.

Restitue a mãe ao filho, reconcilia os seus affectos para que tu sejas restituído á ternura da mãe que por ti chora e se lamenta. »

.....

— Se estas palavras penetraram na alma do Manuel como um perfume de sentimento nobre que vai ao encontro de outro nobre sentimento, essa alma é boa, é heroica e digna do alto aprêço que merece a virtude do sacrificio.

Mostrará então que é bem digna do amor que viera de outra alma compassiva e boa, embriagar de esperanças e sonhos venturosos uma existência humilde e dedicada.

Em desvairada sêde de affectos intensos, disse-lhe — o sentir veemente dessa alma necessitada de emoções violentas :

« Não há manicómios, não há cadeias, não há leis, não há homens que nos separem. »

Mas, vendo-o agora engrandecido e nobre, renunciar a todas as esperanças e a todos os amores, emolados á felicidade de outros sêres, escravo do dever e soberano da bondade, talvez lhe diga liberta da sua fraqueza, e redimida dos seus impulsos: « Parte, levando de mim apenas a recordação e a essência da bondade, que foi a semente pura dêste amor de perdição.

O mundo é vasto e a sorte protectora de quem é digno, bom, trabalhador e justo.

Abriu-se á luz da razão a treva do desvário que te aproximou do meu exilado e piedoso coração.

Em hora trágica e tormentosa, ouvi, entre punhais de remorso e angústia, o grito pungente de tua mãe que bradara em soluçante agonia quando dela te apartára a tragedia do nosso amor: « Nunca mais verei o meu filho! ¹ ».

E preciso que ela te veja, que ela te abrace, que lhe seja restituído livre, redimido de culpas, resgatado de fraquezas, de deshonrosas e indignas cubiças.

Recordas-te da scena de Roção ², *dos gritos das inocentes crianças ao apartarem-se do Pai* ³, que com tanta franqueza me recebera em sua casa, misturados com os soluços da mãe dêsses inocentes, ao roubarem-lhe o marido? Tenho sempre presente aos meus olhos, o cantinho dessa casa, onde, em lágrimas banhada, uma outra mãe gemia ao ver que lhe levavam preso o seu amparo, o seu querido filho. É essa santa velhinha, que eu abracei chorando, pedindo-lhe perdão

¹ Páginas 65 do livro « *Doida Não!* ».

² Era o primo de Manuel.

³ Este capitulo é transcrito do livro mencionado.

do mal que lhe fizera e que não leve, para me dizer, uma palavra má, apertando-me nos seus braços, apenas entre pranto, soltou este lamento:—« Não torno a ver o meu querido Manuel, o meu filhinho! ». E, entretanto, não era só o filho que eu lhe tinha tirado, era também o pão ¹.

Vai Manuel; esquece-me; cria uma felicidade honesta, uma família só tua, que não haja desfraudado o prestígio, a paz e os affectos de outra família.

Ficariam de permeio dêste amor remorsos, blasfêmias, vergonhas, queixas e ódios. Serei antes a monja de mais glorioso e alto misticismo. Renunciarei ao amor profano para enclausurar todas as exaltações corpóreas num peregrino e ardente ideal de beneficência. Que se apague o incêndio ardente de uma paixão funesta, ao hálo puro dos amores ideais.

Parte, que o meu espírito velará o teu destino como aquela estrêla de alva que, antes do raiar da aurora e do gorgear dos ninhos, guia em seu divino fulgôr a estrada sombria do peregrino para o conduzir ás almeçadas paragens de uma verdadeira e rehabilitadôra felicidade.

E sobre as cinzas purificadas da paixão que crepitou e arrebatou, florirá um germinal de flôres de altruismo que de longe te enviarão, com o perfume de uma saúde pura, o fluido sugestivo de uma virtude nobre.

Repercutese no meu coração o grito de angústia da *mater dolorosa* que em soledade chora o filho encarcerado. Bem vês, sou tambem mãe. E dentro do coração ferido, do meu filho, tambem há lágrimas e saúdades pungitivas por

¹ Este captulo refere-se ao episodio da captura da Sr.^{ta} D. Maria Adelaide e do Manuel quando se haviam refugiado em Roção em casa da familia do ultimo e que está descrito no livro da primeira, a páginas 40 e 41.

aquela que lhe embalou o sono em pequenino e o ensinara a balbuciar rezas de pureza.

Ensinemos a humanidade a ser boa, generosa e nobre, sacrificando as suas paixões pelo bem dos seus semelhantes. Parte. Adeus!

Que a porta do cárcere se abra para deixar livre um homem de bem. »

Se estas palavras fôrem ditas e o Manuel as escutar, haverá raiado na sua existência a luz da verdadeira felicidade escudada na alegria da consciência.

Amor sublime

Na história do antigo Oriente, e na fase da constituição democrática de Israel, destaca um vulto radioso de mulher que a etimologia denomina « Estrêla do Mar ».

Chama-se Maria, o dõce nome de origem semítica que em lingua hebraica se traduz por *Miryam*, cuja composição provém de *Mir*. mar, e *yam*. estrêla.

Tem uma história simbólica, a formosa mulher hebraica que nasceu irmã de Moysés, o profeta das revelações divinas e o legislador da primeira democracia do mundo, e como êle fadada para destinos de predestinação.

Maria de Sinai, foi uma claridade ideal que brilhou no céu fulgentíssimo dos povos hebraicos. Quando Moysés revoltou as turbas escravizadas ao despotismo dos Pharaós, foi a sua voz dulcíssima que entoou as primeiras estrofes do hino libertador.

Maria de Sinai, é na peregrinação de Gessén á Palestina, a estrêla do norte que guia, alenta, consola as caravelas fugitivas, suavizando as suas misérias, os seus clamores e revoltas, como fulgurante tradição de piedade, de fé e de heroismo femenino.

A semelhança de divindade ou de esfinge hierática envolta em diafana auréola de santidade, repudia o mundo, a ostentação, os amores da legião dos seus adoradores, que em vão sonham conquistar-lhe as graças. Tendo

nascido para influir nos destinos do seu povo, consagra-se com disvelo e veemência á sua libertação.

As suas mãos brancas como as boninas dos vales, desprendem da cítara maviosa, acordes e melodias divinas que converterão as almas ao influxo da arte. E com seus cantares dulcíssimos, leva as ideias ao mais profundo das almas.

Cantora e poetisa, inspirada e terna, audaciosa, genial, e bela, toda a sua alma piedosa, sensível e heroica, vibra num poema de renúncia que assinala essa fase agitadora do Exôdo do Egito.

O seu estro nativo, a sua voz de sereia, os seus cânticos que são gorgeios de ave canora, os seus olhos negros como o mistério da noite e suaves como plumagens de ninhos; a graça ondulante do corpo esbelto envolto em túnica de gazes aerias e roçagantes, dão-lhe uma fôrma angélica de semi-deusa que fascina o povo e o converte.

Cura as feridas de corpo e alma dos peregrinos, apaga-lhes a sêde devorante, apazigúa as suas revoltas, amaina as suas dores, embala as suas esperanças e alenta as suas descrenças e as suas fadigas de sequiosos do Oasis prometido.

Como os ideais artistas da renascença magnetizados de espiritualidade e magnetisadores do sentimento e da belêsa, Maria de Sinai dispersa a sua alma como um sôpro de emoção, crente em que o bem e a purêsa florescem cultivados pela poesia e pela bondade sob o império das virtudes humanitárias e cívicas. Mas cançadas de caminhar, exaustas pela fadiga e a descrença, as tribus blasfemam e revoltam-se de novo.

Retrocedem á adoração do Bezerro de Oiro. Maria de Sinai sente-lhes a razão de descrentes desiludidos. E é indulgentê para a violação das leis que deviam cingir-se á nova religião do Profeta. O seu crime de piedade

suma, é punido com a blasfêmia de Moysés. E a cólera dos Deuses, é atribuída a expiação que vem atormentá-la. Maria é atacada de uma terrível enfermidade, denominada a lepra branca, asquerosa, classificada também de lepra eléctrica, porque se crê que provem de impurezas concentradas nos espaços orientais, agitados de constantes tempestades. As formas talhadas em graça donairoza no alabastro transparente do seu corpo, tomam um aspecto repugnante e pestilento. Mas invocados de novo os Deuses para que lhe fôra perdoado o crime de extrema piedade, volve de novo a saúde e a graça ao corpo mimoso e alvo de Maria. Mais tarde, quando os peregrinos atingiram enfim o deserto de Zin, assentando arraiais em Cades, Maria de Sinai deixava no mundo um rasto imorredouro de poesia e abnegação que brilhará eternamente no ceu do Oriente sob a formosa designação de «Estrela do Mar» immortalizando uma heroína de amor sublime.

Prouvera ao destino que o simbolismo desta legendária história de mulher convertesse a heroína dêste drama, em Estrela do Amor rival da «Estrela do Mar» na devoção e zêlo pelo destino do seu pòvo e da sua Pátria.

Porquê como as tribus de Israel revôltas, esfoimeadas, exaustas e ignorantes, também o malfadado pòvo de Portugal carece do amor, da piedade, dos ensinamentos, do auxílio, das ideias e do coração de uma mulher a quem o destino concedeu dotes de alma e de fortuna que pode ser resgate, glória, consolação e conquista.

Amor e resgate

Segundo os direitos que as leis naturais conferem aos sêres, não é crime sem absolvição, amar com veemência quando o destino quiz fazer chegar a hora das incendiárias paixões. Não é crime sem atenuante renunciar ao privilégio das castas para fixar num humilde uma dedicação de sentimentos.

Se uma existência de renome cercada de prestígios, de inteligência, embelezada pela graça que dão as ideais inspirações, se enamorou de uma pessoa obscura, é que muita coisa de afim, de irresistível, de gémeo, a dominou e atraiu. Mas se o amor, não conhece cadeias, se transpõe abismos, se arreda escolhos, se não o detem privilégios de castas, nem preconceitos de gerarquias, e, rompendo estôrvos e grilhetas, navega em oceano revólto, como Leandro transpondo em noites sinistras os mares agitados de Trácia, para nadar na ventura do amor de Hero que todas as noites o aguardava na tórre de Sestos; acima do amor que é gôso, volúpia, delírio e exaltação, há outro sentimento mais belo, mais estoico, mais sublime que se chama Dever.

Se loucas de amor as criaturas passam por doidas da razão; se dessa classificação lhes vem o sofrimento de vítimas, só o dever as pôde converter em heroínas.

Que belo seria que aquela que não sendo doida, é antes

vitima, pudesse figurar na historia das tragédias humanas na gloriosa apoteóse de Heroína!

* * *

Sonhei, em tudo que digo, um sonho irrealisável? Deixem-me sonhar mergulhada num sonho de perfeição.

O que pensam alguns notáveis médicos franceses âcerca dos direitos das mulheres

O Dr. Georges Surbled, autor do livro «L'Amour, et L'Amour malade», referindo-se ao papel do marido na família, diz:

«O homem, para ser o chefe da mulher e da família, deve para isso ser exemplo e modelo, sob pena de ferir o plano providencial e desorientar e arruinar a própria família. Mas não pôde manter a sua supremacia, nem o seu poder terá razão de existir senão sustentando-se na altura dos seus deveres. Porque os seus direitos não podem consumir-se sem que se torne digno dêles. No dia em que a paixão o domine e o governe, perderá de um só golpe, a razão, o prestígio, a consideração e o respeito e cairá hum nível moral que o colocará muito mais abaixo do que todos aqueles que devia dirigir, tornando-se um miserável escravo de si mesmo.

Será então um mundo de inversões que nos dará o triste espectáculo dos *ménages* onde as paixões são lei, e o verdadeiro amor não reinará mais. O marido continuará a pretender ser o senhor, sendo apenas o escravo dos sentidos, escravizando a mulher e a família.»

Neste capítulo estão resumidas as regras quasi gerais que presidem á maior parte dos códigos familiares.

Conservam-se tradições seculares que conferem ao marido direitos de senhor. Mas violam-se todos os deveres que são justificação e fundamento d'esses direitos. De forma que as honras de patriarcado, que na própria significação do termo exige virtudes de dignidade íntegra, respeito pela moralidade própria e doméstica, só existem com capa de realza que cobre andrajos de corrupção.

Que succede frequentemente? A prática dos mais degradantes abusos que estão convertendo o ambiente familiar em verdadeiro serralho.

Ouvi ha dias mencionar nada menos de seis casos de relações amorosas de cunhados com cunhadas no próprio domicilio conjugal. Um d'elles é revoltante. A esposa, prefere o marido uma irmã desta.

Emquanto a irmã, casada tambem, vítima da luxúria e dos instintos voluptuosos que suplantam o coração — se entretem com o cunhado, a irmã é encerrada violentamente num quarto e castigada com pancadas, se se queixa. Como é branda e teme escândalos, ou receia ficar sem recursos, remorde em silêncio todo este revoltante esmagamento dos seus direitos morais. Que filhos saem d'esta mãe? Num estado de depressão horrível, só gera abortos stigmatisados de neuroses. O pai, lúbricamente exaltado, imprimirá a cada filho o seu estado degenerado. E além de tais condições, o caso atinge o rubro da imoralidade porque os amantes praticam scenas indecorosas, sem precauções, dando aos filhinhos d'este *esposo e pai modelo* exemplos aviltantes.

Estes casos são hoje lugar comum na sociedade de lama em que vivemos. No capítulo de serviços, é um horror. É frequente o homem que exerce a poligamia com as creadas, com as empregadas ao seu serviço, tanto casadas como solteiras. Daqui se geram os infanticídios. Depois veem então esses chefes de família *honestos* reclamar *honra*, blasfemar

contra o adultério. E condenam aos mais duros maus tratos as esposas e os filhos, sujeitando-os a privações para sustentar as amantes. Contribuem para a imoralidade da raça por formas diversas, sem leis de punição que tenham execução saneadora.

Ora eu teria nos recursos de meu próprio raciocínio argumentos assaz eloquentes e irrefutáveis para discutir os pontos capitais da razão porque os actos que se apontam como loucura ignominiosa na mulher são justificados através de uma tolerância máxima que é afinal corruptora, tratando-se dos desatinos degradantes do sexo forte.

Mas para tornar mais sólidos êsses argumentos, prefiro dar a palavra aos médicos que se ocupam dos problemas relacionados com a reconstituição da sociedade e da família e os direitos de individualidade humana das mulheres.

Citarei, pois, algumas opiniões de um livro do Dr. Michel Bourgas, intitulado «Le Droit à l'Amour pour la Femme».

Diz o insigne sociólogo que estuda clinicamente o problema dos sexos: «Toda a união que não tem por base o amôr, é imoral e anti-social. Ela está condenada a dissolver-se num tempo mais ou menos próximo. É impossível evitar a catástrofe, porque, entre esposos que se não amam, as aproximações conjugais, longe de serem um motivo de aliança, convertem-se em corrente de irritações e ódio.»

Os consortes, hoje contendores, já ha muito eram intimamente desunidos. E nem a sua união foi verdadeiramente fundada no amôr, nem êsse amôr alimentado segundo as regras do casamento.

Nesse caso reside uma das razões do *extemporâneo recrudescimento dos instintos*, que é a razão que serve de base principal aos atestados patológicos da imaginária demência da Snr.^a D. Maria Adelaide,

Continua o Dr. Bourgas a argumentar: «É fóra de dúvida que a mulher tem todas as razões para ter uma personalidade humana. E forçoso é reconhecer-lhe, *ipso facto*, o direito legal do amôr, do qual dependem todos os outros direitos. Por não haver cultivado essa justiça, o homem transforma a sua companheira em antagonista e inimiga e o amôr será substituído pelo ódio e pela aversão; inevitável justiça das coisas!...»

E logo acrescenta:

«Os transportes do amôr do homem indiferente à comparticipação do prazer da mulher, tem como inevitável consequência afastar a esposa do marido e tem ainda outra consequência desastrosa denunciada por todos os especialistas, de *expôr aquela que os sente a uma multidão de doenças e graves perturbações orgânicas.*»

Não teremos aqui outra causa da perturbação que os médicos atribuíam à sua cliente? E agora conclue o Dr. Bourgas: «O homem que queira conservar a sua mulher com saúde e o seu *ménage* em paz saberá cultivar na sua esposa a parte que lhe pertence em amôr. Mas em sua cega presunção de rei da criação, crê possível tocar em instrumento sem conhecer-lhe o teclado, o *doigté*, o diapásão, nem ao menos a corda que é mister ferir.»

E acrescenta: «A maioria dos homens, ignoram a mulher na sua constituição física e no seu destino social.

Acusam a mulher de fantástica e querem que tenha méritos de que lhe não dão senão o exemplo em contrário.»

* * *

Repete ainda a frase de Mirabeau que disse «somos nós que fazemos a mulher e é por isso que ela vale menos». E remata com esta opinião de Balzac: «As faltas das mu-

lheres são outros tantos actos de acusação contra o egoísmo, a inconsciência e a nulidade do marido. A mulher é para seu marido consoante seu marido a fez.»

Isto é dito por um médico e um homem.

«O mais extranho — clama por fim com dupla autoridade de psicólogo e de fisiologista — é que nós exigimos a virtude da mulher e tudo fazemos para dela a afastar.»

Que singulares paradoxos os de uma moral que classifica de frágil a mulher e lhe impõe resistência para manter a honestidade, quando tem contra si a hereditariedade, a falsa situação de deprimida no lar, a artimanha licenciosa dos sedutores e a péssima educação ministrada com uma inconsciência que apavora.

Além de tantos contras, ha o despiêso total pelos seus direitos de amôr a que se refere o Dr. Bourgas. Ha as doenças a que expõe a falta de higiene e as inversões sexuais exigidas por maridos avariados e degeneradamente libertinos. E rara é a mulher que hoje não sofre os estragos produzidos nos seus delicados órgãos, por um amôr selvagem, que a agride impetuosamente no solene momento esponsálico continuado na função conjugal, e que assim descreve o médico illustre *« quand la jeune fille rêvait en dieu rayonnant, et, voit l'accommetter une sorte de bête velue et trepidante, balbutiant des sons rauques, affamé de sa chair, alléré de son sang. »*

Não terá alguma ligação com êsses efeitos o desenlace que os psiquiatras classificaram de loucura lúcida?

Diz ainda o Dr. Bourgas: «O marido brutal e libertino, prepara o triunfo do amante delicado». Quantos mistérios de alcôva, quantas solicitações repugnantes, quantas inversões que revoltam, justificam a repulsa que muitas mulheres de susceptibilidades delicadas veem um dia a sentir pelo consorte?

Depois, se muito bem lhe apraz, esse consorte, indifferente aos deveres conjugais, consome-se nos amôres facéis. E com longas intremitências e prolongadas negligências do amôr conjugal, consagra-se ás amantes e pouco o preocupam as exigências fisiológicas que o casamento e a natureza estimulam na mulher. Veja-se o que a êste respeito diz o livro « Doida, Não ». E é de crêr que *le desappointement de la nature* a que se refere o Dr. Bourgas, e que junto a tantas outras causas de ordem moral e física alteram o organismo da mulher influindo na transformação do character, hajam sido razões mais que suficientes e atenuantes do caso que discutimos e são causa da desafeição que separa tantos casais.

Que os médicos illustres que deram o seu parecer bem pouco legal para a interdição da Snr.ª D. Maria Adelaide da Cunha se penitenciem da precipitação e do lapso, reparando os prejuizos reciprocos, causados á cliente e aos clínicos numa receptividade de lamentáveis inconvenientes, consagrando-se ao estudo dêstes detalhes para juntarem ás fórmulas receituárias da farmacopeia paleativa os remédios radicais e preventivos das propagandas moralistas que diminuirão pela base os males causadores de tantos erros e de tantas vítimas.

A ciência do coração

**Aos ilustres clínicos, magistrados,
causídicos e demais funcionários
envolvidos neste drama**

O célebre escritor francês Jean Maceé, conta esta anedota em um livro muito educativo que se intitula «História de um bocado de pão».

Um poderosíssimo milionário quiz construir um castelo de suntuosidade maravilhosa. Seria a última palavra do conforto, com aquela surpreendente e faustosa garridice estética de que os orientais possuem o requinte máximo.

A meio da construção deu-se conta de uma grave dificuldade. Não havia água nem possibilidade de obtê-la para o extraordinário consumo da principesca habitação. Apenas uma escassa nascente assegurava um remédio escasso.

Chamados peritos hidráulicos decidiram aproveitar a água dessa nascente, abastecer o palácio, e a mesma água ser de novo filtrada e de novo aproveitada para consumo.

Era preciso um modelo de uma bomba que realizasse simultaneamente um movimento de aspiração e de respiração. Era difícil a empresa.

Foram chamadas legiões de sábios para dar o seu parecer junto dos mais insignes engenheiros. Mas nenhum resolvia o assunto de forma a dar bom resultado. Um dia, já desesperados e desiludidos, abalado o seu prestígio de famosas celebridades, dispunham-se a retirar de vez, humilhados e furiosos.

Surge-lhes então uma pequena pobresita e andrajosa, e, estendendo-lhes um embrulho, diz-lhes: «Aqui tendes o modêlo da nova bomba que em vão tentastes construir». Olharam-sê estupefactos.
Era um coração.

A história é simbólica.

Na singeleza da criança, na sua humildade e no seu instinto inculto, havia mais luz do que em tantas cabeças recheadas de sapiência filosófica. Porque essa luz vinha do coração.

Se luz idêntica iluminasse todas as consciências, todas elas protestariam para que em gesto simultâneo de razão, de bondade e desinteresse, todos os ilustres representantes da magistratura, da advocacia e da medicina, assinassem um *termo* de humanidade, pondo *termo* a uma acção de violências e a uma violência de códigos que deixam de ser lustre de uma classe e de uma sociedade para serem espinho de injustiça e traço negro de deshumanidade.

Entremos numa era verdadeiramente cristã para sairmos de éras verdadeiramente bárbaras, tomando para base de todos os códigos e código de todas as leis o sentimento preclaro e evangélico do coração.

Aos ilustres clínicos que cooperaram no diagnóstico da loucura lúcida

Comentando o lapso clínico no caso de interdição da torturada vítima de uma imaginária demência, longe de mim agredir o brio pessoal, a fama e a reputação profissional de uma classe que tem prestado relevantes serviços á humanidade e á sciência, e de que faz parte o meu único filho que na sua auspiciosa carreira tem ao seu lado as simpatias, o aprêço, a invulgar e unânime consideração de quasi todos os seus colegas. E não ha um ano que, em agonias de alma que só corações maternos avaliam, bemdisse com o enternecimento de todo o meu coração, a intervenção clínica dos Snrs. Dr. Júlio Cardoso, Dr. Pinto da Silva, Dr. Giraldes dos Santos e Dr. Teixeira Bastos, da Foz, que com tanta perícia e dedicação, salvaram a vida de meu filho ameaçado de morte eminente em virtude de um horrivel antraz que o ia levando á sepultura.

As fases mais assinaladas da minha vida, estão ligados os nomes de alguns afamados clínicos portugueses que me prestaram, com o eficaz e quasi milagroso concurso da sua bondade, os recursos valiosos da sua sciência.

Ocupam lugar de honra nessa ilustre falange os Snrs. Dr. Egas Moniz e Dr. António Fernandes, seu bondoso associado clínico, e aos quais devo muita dedicação, podendo

classificar-me de ressuscitada depois que, aos benefícios de uma assistência moral carinhosamente prodigalisada, se juntou o efeito de um sábio tratamento electroterápico.

Ao Snr. Dr. Carlos de Azevedo Albuquerque, vítima do seu admiravel sacerdocio de médico altruista, consagro uma reverente veneração pelo desinteressado carinho com que me tratou numa prolongada crise de abalos físicos e morais.

Salvou-me da morte, nos transees da maternidade, o Dr. Luiz Lobato, de Vila Real, cujas mãos de clínico insigne foram o primeiro berço onde repousou o mimoso recém-nascido que seria o seu colega e amigo de hoje. . .

Admiro no Dr. Melo Breyner, o bom amigo, a capacidade médica de fama mundial e o humaníssimo especialista da devastadora avariose. Rendo homenagem aos méritos psiquiátricos do Dr. Júlio de Matos, que em crise tormentosa me revelou um nobre coração.

Conto no número dos raros e bons amigos o Dr. João Pavão, de Abbaças do Douro, e o Dr. Azeredo Antas, esposo exemplar e médico humanitário. E sou emfim crêdora de cativantes e generosas atenções ao Dr. Gonçalves de Azevedo e Dr. Luciano Cordeiro, de Matosinhos; Dr. Henrique Botelho e Dr. Antonio Sampaio, de Vila Real; Dr. Gomes de Araújo, Dr. Cerqueira Magro, Dr. Adriano Fontes, Dr. Tito Fontes, Dr. Moraes Frias, Dr. Corrêa de Barros, do Porto; Dr. Aurélio da Costa Ferreira, o pedagogo emérito; Dr. Samuel Maia, o apóstolo da nova sciência de cura preventiva pela higiene moral e alimentar, de Lisboa; e Dr. Costa Lobo, o sábio astrologo de notável capacidade intelectual, de Coimbra.

Mas quando a fé e o amor aos princípios que humanisam a vida colectiva em reacções de equidade é balisa de combate, abdica-se dos interesses individuais para defender conveniências sociais. E se ao tópo de um calvário de dôres

se ergue uma cruz orvalhada de lágrimas que se transformam em fel de agro martírio na vida das mulheres, chega-se ao fanatismo das ideias que alvorecem em esperança de melhores dias para as gerações que nos sucederem. Vai-se então aos extremos de sacrificar amigos, conveniências de família, todos os interesses pessoais de posição, de saúde e de reputação, contanto que se atinja um fim generoso sem olhar aos meios banais. E se em legítima defeza de um nobre ideal que navega entre escolhos sem fim, fosse necessário julgar públicamente os actos de qualquer pessoa que-rida, sujeitos ao contágio impulsivo do século nevrótico, não hesitaria em separar a pessoa dos actos, o profissional da personificação para os justificar sem sacrificar o ideal, esclarecendo factos mal interpretados por multidões malévolas.

Firma-se neste crédo, genuinamente humanitário, a árdua e arriscada tarefa que me impuz comentando o deshumano internato da simpática protagonista d'êste drama. E não recuarei em acentuar as provas do lapso clínico numa publicação que se sucederá a esta, e com detalhes mais minuciosos.

Ha muito que dizer sôbre o que é a medicina paleativa de hoje e o que deverá ser a medicina preventiva de amanhã.

Que dirá uma obscura leiga defrontando-se com uma legião de sábios de celebridade firmada em prestigioso renome?

Será o intrépido combate entre a Intuição e a sciência, que, tendo muito de verdadeiro, tem pouco de positivo depois da descoberta do radium?

Como é afriscado o combate emquanto a sciência, no seu hiératico e olímpico desdem, fôr rebelde a todos os avisos da intuição!

O vôo humanitariamente renovadôr da sciência que modificará o martírio da vida actual, está retida pela camada superficial da *intangibilidade* feita de orgulho e soberbia, como a crisálida dentro do espesso casulo. É um prejuízo para a sciência e para a humanidade, essa soberbia que mira com desdenhosa e rebelde indiferença a perspicácia da intuição, atraindo-se prejuízos e derrotas.

Vem a propósito citar um facto sucedido em Madrid comigo e com o célebre médico naturista Dr. Garamillo.

Quando da nossa primeira entrevista, tais coisas leu na minha fisionomia o abalizado fisiognomista, que exclamou com entusiasmo de castelhano culto e impetuoso: « *Es usted una prevelegiada de el precioso don de la bondad, y de la intuition magnética. Y intuition vale más que sciencia.* »

Mas um dia, vem hospedar-se na mesma pensão onde me instalára um simpático rapazinho, seu futuro cliente que vinha tentar a cura, porque muitas curas milagrosas justificavam realmente a fama do Dr. Garamillo.

Dissera-me comovidamente o afável pai de Pepe, ao retirar-se: « *Maria; és usted muy buena y cariñosa. Recordando Pepe a su corazón de madre.* »

Puz-me a olhar o rapazinho como filho e com ternura de mãe. E vendo-o definhar-se dia a dia por uma arriscada transição de medicina que ia de um extremo ao outro, tentei pôr o *don precioso de la intuition* ao lado da sciência do médico consagrado. Mas entre a *intuition*, o coração e a razão lógica dos factos, *rabiava* a serpente da soberbia que renegaria as opiniões do humanista. E quando um dia suavemente me inclinára ao ouvido do Dr. Garamillo, surdo aos meus avisos clarividentes e lhe dissera: « *Pepe se está muriendo, lo crea usted* », o Dr. Garamillo, irado e fulminadôr replicou: « *Pepe no se muere que yo lo salvare, No*

me dê usted consejos, porque yo soy médico, y el médico es sagrado.»

Com um pouco daquela subtil ironia que a mesquinhez do mundo vai inoculando nas almas destinadas á brandura, que acaba por ser revolta, perguntei um tanto sarcásticamente: « *Quien lo ay sagrado a usted?* »

Mas a pergunta de tão difficil resposta, só respondia o orgulho e a cólera irada do sábio que bradava ásperamente: « *Ye soy sagrado, cy soy sagrado, no me dê usted consejos* » . . .

Dr. Garamillo, sabe *usted* a razão porque cito êste caso? É para fulminar a soberba scientifica, inspirada no mesmo fim humanista que leva *usted* a fulminar intrêpidamente os médicos e a medicina de hoje, nas suas magístrais conferências de El Atheneu. O pobre Pepe morreu. E talvez se pudera salvar, se a sciência caprichosa do médico se houvera inspirado no *precioso don de la intuition*. Muitos são os prejuizos causados pela tal lenda da *intangibilidade* scientifica. E se *usted* se sente prejudicado, evite os prejuizos sociais, aproveitando êste caso para uma tèse das suas mais humanisadoras conferências.

E sustente o argumento de que ha casos em que *intuition vale tanto como sciencia*, porque antes de *usted* o afirmar, já a sua imortal compatriota Santa Tereza de Jesus, iluminadora divina da espiritualidade espanhola, dissera: « *Ay personas de flaca complexion, como somos las mujeres, que con la fuerza de el espirito, sobrepujan al natural mirando con los ojos del alma las cosas invisibles e sobrenaturales.* »

É atravez dessa *intuition* que a minha alma distingue *en usted* o homem dos orgulhos bárbaros e seculares, do humanista, do sociólogo, do coração e do espirito que vivem sacrificados pelo ideal da perfectibilidade humana, e

que daqui saúdo affectuosamente em homenagem de admiração, depois de haver atacado o homem e o sábio *intangível* sempre e ainda escravo das tradições de bárbara e máscula sobranceira.

Seria belo que todos os Excelentísimos Clínicos que incorreram neste lapso de diagnósticos, mais como homens de convencionalismo do que como médicos, me ajudassem nesta tarefa de reabilitação geral. Porque afinal hei-de demonstrar-lhes que classificaram de demência um direito humano, consoante o confirma o seu colega, o Dr. Bourgas.

Ora um outro seu colega, que foi um dos mais assombrosos sociólogos italianos do século XIX, o imortal pensador Paulo Mantgazza, pôz estas palavras na bôca de um médico a que se refere no seu livro : « Uma página de Amor ». « Na medicina não ha nada positivo, não ha nada seguro ».

Assim parece neste caso em que as luzes da sciência viram treva de loucura onde raia antes a alva precursora de um humano direito de amor que parte grilhetas de convenção para dispôr logicamente da sua vida e do seu coração atrofiados em atmosfera conflituosa.

Já eram horas de reconhecer a necessidade de lançar sôbre a poeira bojorenta dos códigos antigos, a levedura de uma ampla remodelação.

Uma lei natural se impõe ás leis decrépitas dos homens que exercem o amôr livre a toda a hora, condenando o direito natural do amôr na mulher que ofendem e desprezam. Portanto neste erro de interpretação, errou mais a concepção dos homens do que a fórmula do diagnóstico scientifico.

Depois, certas conveniências pessoais, políticas, profissionais tomando para septro a máscula propotência e os códigos para arma...

Emfim, não foram V. Ex.^{as} quem errou, foram os símbolos...

Portanto façamos pacto de solidariedade renovadora, derrubando os simbolismos prejudiciais á felicidade comum dos indivíduos e dos povos.

E para grandes males grandes remédios, para grandes culpas grande contrição.

Á medicina compete entrar em campo novo. Cada clínico deveria ser um apóstolo de princípios que curam os males pela raiz. Com a receita paleativa, iria bem um conselho moralista e a indicação de livros que iluminam e transformam.

Atravez do Atlântico, navegado outróra pelas caravelas conquistadoras, nos envia o seu brado de redenção um eminente médico brasileiro, o Dr. Austregesilo, Professor Catedrático de Medicina, que exclama vibrantemente no seu livro «Pequenos Males» ao tratar dos «Erros do Pão e dos Erros do Amôr».

«Pais, educadores, homens ricos e governantes, lembrai-vos dos nossos êrros da adolescência, e procurai infundir no ânimo dos nossos filhos, ou subordinados, o amôr á vida, a simpatia á colectividade, á metarfosse util dos instintos para que o futuro homem não seja a fera bravia da cidade. Fazei do culto da *eugenia*, isto é, da boa geração humana, o vosso programa de moral científica porque a perfectibilidade absoluta não existe, é um mito, mas as melhoras progressivas da nossa espécie, poderão conduzir a humanidade á relativa fortuna social, e desaparecerá de muitas bôcas a ância da morte como epílogo de esperanças

perdidas. Porque a vida é boa, afinal; os homens é que a fazem má.»

Que formoso arco-iris de aliança espiritual enlaçará e glorificará internacionalmente os destinos dos dois povos Luso-Brazileiro e engrandecerá a profissão médica de cá e de lá, se os ilustres clínicos portugueses consumarem no seu sacerdócio científico as doutrinas do abalisado camarada, pondo o seu precioso livro nas mãos de cada cliente!

Certa será então a conquista da sua nobre missão. E digno de ser felicitado através da imensidade cristalina do Oceano, o médico, glória da sua classe e que nos envia a luz do seu privilegiado espírito do florescente trecho do Universo que é a Necrópole privilegiada das inspirações espirituais, onde encontram espaço e felicidade de expansão as pessoas e as ideias que aspiram a um amplo e carinhoso ambiente para atingir a vitória dos seus ideais de glória, de altruísmo e de riqueza.

Prosaismo e idealismo

Aqueles que só lêem pela cartilha do septicismo positivista e prosaico, hão-de achar que idealisei as personagens desta odisseia, revestindo-as de sentimentalismo romântico e de poesia *piégas*.

Não estou porventura dentro do espírito da minha raça?

Que somos nós, a despeito das mais rudes exterioridades, senão poetas de coração, idealistas de imaginação ardente tecida de sentimentalidade nesta rede de fluidez e de feitiço que é a terra portuguesa?

Mas afinal eu não transfiguro as personagens. Extrai-o apenas a matéria a sua mais pura essência. Uno a realidade vivente á poesia ideal, é certo. Mas não saio da realidade objectiva. Apenas desdobro o corpo astral mergulhado no mistério do inrevelado que se condensa em espiritualidade invisível. Dentro dessa esfera luminosa, o ser material transfunde-se em luz e destaca num plano simpático em que as culpas se apagam para pôr em foco as virtudes.

* * *

Tiremos a cada um desses personagens as roupagens exteriores, vestidas por mil factores de imperfeição, que nos rodeiam e saturam ânimos frouxos e variáveis, ou revestem de áspera rigidez caracteres mutáveis,

Livre dêsse invólucro superficial, ficará o espírito alado, sensível ao bem e á bondade, ficará o coração da raça, o coração português.

Que é isto, afinal, esta nossa raça de lusitanos. Fóra das flutuações vertiginosas, perturbantes de emoções descontraídas que vibratilisam e empolgam, que desorientam e desfiguram, bem pudéramos ser luzeiro de espiritualíssima bondade nos movimentos da civilização mundial.

Mas se a alma portuguesa é uma sintonia genial de sentimento e poesia, anda em tal desafinação a orquestra dos executantes, que só entrará em harmonia no dia em que todos os que podem e querem, afinarem o seu entendimento pela melodia suave do coração.

* * *

Como mulher, como vítima de uma atribulada vida conjugal, como humanitária e pacifista, claro está que entre as três vítimas e os três culpados, me é mais simpática aquela que sendo mulher é sempre a maior vítima.

E decerto a engrandecerá perante a sociedade, a virtude excelsa da piedade que em todos os tempos foi a glória mais bela da mulher e das nações.

Em cada mulher piedosa revive a suavíssima Antígona que conduziu a cegueira de OEdipo deixando um rastro de poesia imorredoura e sublime nos floridos e rescendentes vales de Colona. E assim como Rumarita, a pálida virgem ariana, caminha impávida para a pira do sacrifício em holocausto aos ritos sacerdotais, assim a alma de uma grande amorosa se veiu lançar á fogueira de uma paixão para a converter em facho que despede clarões de piedade e derama centêlhas de razão.

Há de vez em quando na história das evoluções figuras de relêvo que representam uma raça ou acentuam uma fase.

Talvez que esta vida feminina e o seu drama, representem uma crise de renascimento em favor da mulher criando uma alma nova, em princípios da mais sólida moral entre os sexos.

Mulheres de hoje e mulheres de amanhã

Um dia, em Madrid, o célebre escritôr francês Gaston Rautier, exilado por haver publicado um belo livro de Paz humanitária defendendo a aliança da França com a Alemanha, disse-me palavras as mais elogiosas para êste combate inglório e glorioso que me consome a existência. Mas lamentou-me também, sendo de opinião que o sexo por causa do qual máis me exponho no combate, deveria ser aquêle em que mais rivalidades, mais inveja, incompreensão e mesquinhas perseguições devia encontrar. Não se enganou.

E eu respondi-lhe serenamente: « Realmente assim é ; mas se não sou entendida pelas mulheres de hoje, sê-lo-hei pelas de amanhã. Então, o meu espírito sobrevivente que cá ficará palpitando nas páginas dos veementes debates, terá o seu quinhão de compensações, e conversará com uma nova geração de verdadeiras mulheres, conscientes, discretas e amantes da sua dignificação, como aquelas célebres romanas que se engrandeceram e solidificaram os seus direitos nos códigos da família e da sociedade, conseguindo a emancipação reparadora dos seus destinos. »

O génio do bem e o génio do mal

Na antiga doutrina de Confúcius, feita de lendas sobrenaturais, alimentava-se a crença de que todo aquêlê que cultivava as inclinações do mal, atraía a si os génios malévolos e a cólera dos deuses. Emquanto que praticando a bondade, cercaria sempre o seu destino da protecção benéfica dos génios tutelares.

E na teologia da Caldeia o Zand-Avesta aponta na personificação da Ahriman e Ormuzd a luta eterna do bem e do mal. Mas crê a candura supersticiosa dessa éra, que o génio do mal, cansado de perseguir o génio do bem, se daria afinal por vencido e acabaria por render-se num pacto de harmonia que lhe traria enfim repouso e proveitos, dando felicidade ao mundo consubstanciado numa só essência de perfectibilidade.

A lenda é afinal um átomo de verdade de que o espiritualismo extrai verdades profundas.

* * *

Não pôde duvidar-se fóra destas lendas que o mundo invisível é povoado de fôrças desconhecidas. E não há que descrever de que elas exercem a sua misteriosa influência nos destinos de cada ser.

E seja embora o destino uma esfingê e cada vida um

sôpro de Deus, é lógico que as criaturas só realizarão a felicidade no dia em que seguirem a doutrina do Zand-Avesta, abrindo os olhos para ver só a bondade e repelir a maldade.

Toda a consciência nobre deve querer ao bem pelo bem que floresce o altruísmo e que, adoçando a sua vida terrestre, deixa um rasto de harmonia nas gerações que se sucedem. Depois, se o corpo morre, o espírito reproduz-se e perpetua o mal ou o bem.

* * *

Que valem glórias e riquezas ao lado da bondade que torna meritórias e belas todas as nossas acções, alegrando-nos a consciência?

Justificando o Snr. Dr. Alfredo da Cunha

Principiei êste livro atacando na pessoa de um homem illustre ó prejuízo dos preconceitos decadentes. É justo que acabe por justificar os actos sem desprimôr para o individuo.

Não há incoerência nesta dupla apreciação. A dualidade ou a complexidade de cada ser, admite para cada um sua forma de julgamento relativo e especial. A tolerância é o fio da justiça. Ambas devem prevalecer no julgamento profundo, consciencioso e nobre das pessoas, dos seus actos e da origem que os precipita.

E desde que essa origem não é, afinal, da responsabilidade exclusiva dos individuos, fica cada qual restituído á consideração mercida pelos attributos que públicamente o distinguem.

* * *

Uma tèse carece sempre de um sólido fundamento. E um sólido fundamento tem de partir de factos positivos. O que torna positivos os factos, são as realidades. E as realidades, revestidas de circunstâncias emocionantes, são as que chamam a si as atenções, que fixam os espiritos, que despertam as curiosidades e, emfim, obrigam as massas sociais a pensar e a profundar causas e efeitos.

É difficil fazer interessar o nosso público por coisas profundas e graves. A gente portuguesa agita-se muito e pensa

pouco, ou pensa mal, em maioria. As questões profundas não prendem o seu espirito que é tão volúvel como ligeiro. Só envolvendo essas coisas profundas em frioleiras, escândalo, casos ruidosos, é que se forçam a entrar no campo que mais necessário se torna cultivar.

Poderia este caso ser discutido indirectamente, disfarçá-lo em novela ou romance. Há quem tema as conseqüências a que me sujeito, expondo-me á indignação e á revolta de uma individualidade de alto prestígio financeiro, jornalístico e intelectual que poderia desencadear qualquer perseguição sôbre uma combatente destemida, mas indefeza.

Realmente a tarefa é arriscada. Mas é pôr isso mesmo que mais me atrai. É assim o temperamento genuino dos combativos. Desde que se convencem de que tiram maior partido da sementeira idealista, não vacilam em fazer seja de quem fôr o alvo do seu apostolado.

* * *

Não me rejubila antes me confrange referir-me a pessoas que um lance de d'ôres conflituosas lançou na onda dos comentários públicos. Mas vou provar como tantos prejuizos são afinal compensados, sem submergir o valor e consideração a que cada qual tem direito.

A discussão dêste caso agita curiosidades. Essa curiosidade vai ao encontro das ideias que o caso suscita. Sendo o seu efeito de proveito social, promove reacções de justiça que aperfeiçoa o espirito da época presente e futura. E se a vida íntima das pessoas é em parte sacrificada, é um holocausto que resgata pelo benefício alheio que representa.

Fiz dêste drama uma têsese social levando um pouco de luz e interêsse a milhares de consciências. Quais os

autores indirectos dessa reacção? Os personagens discutidos. Logo, portanto, cabem-lhe honras e aprêços especiais.

O principal intérprete é o snr. Dr. Alfredo da Cunha. Posto o facto no seu verdadeiro valor de contribuição humanitária, é motivo de homenagem e consôlo para o contribuinte. E se é certo que existem fórmulas de preconceitos a que se chama brio e pudôr pessoal, é também verdade que se transforma em virtude todo o sacrificio do *êgo* quando dêle emana uma luz. Tanto mais nobre é um homem, quanto menor é o seu orgulho. «Quem mais se humilha, mais se exalta», diz a palavra Bíblica.

E aqui está porque eu entrei nesta peleja, convicta de que a capacidade intelectual, moral e sentimental do snr. Dr. Alfredo da Cunha, ligadas aos seus vastos conhecimentos e moderno pensar de jornalista, eram incapazes de perseguir ideias e deliberações que esclarecem a humanidade, expostas com desassombro, lealdade e expontaneidade.

A audácia é um mérito.

E mesquinho seria que um homem notavel se apoucasse na pequenez de uma vingança contra a verdade, cultivada com audácia.

* * *

Quais as razões que servem de ponto á accusação aqui formulada contra os preconceitos e que são origem de hábitos e rude proceder da maior parte dos chefes de família?

Egoísmo e absolutismo.

Nenhuma dessas causas é defeito exclusivo ou caso isolado. Alarga-se em uso e abuso quási geral. As vezes, estas disposições abrem nos lares azas negras de enervamento que matam a alegria e a paz. E há dentro dos cora-

ções tesouros de sentimento. O semblante carrancudo, o gesto brusco, a palavra hostil e dura, formam o eclipse das expressões afáveis que nada custaria a cultivar.

Mas medra na alma de cada homem um infinito de orgulho e intolerância. A máscara glacial torna-o agreste. Como se enganam todos os que exercem essa espécie de domínio!... Quanto mais nobre é dominar pela brandura e pela força diamantina do coração!

*
* *

Interrogado um dia um certo filósofo sobre o que era preciso para ser feliz, respondeu: «Em primeiro lugar, bom humor, em segundo lugar, bom humor, e em terceiro lugar, bom humor». E diz Smille no «Character»: «O bom humor robustece a bondade e a virtude; dá vivacidade ao coração e elasticidade ao espírito, é companheira da caridade, alimento da paciência, mãe da sabedoria, e o melhor dos tónicos morais, mentais e físicos.»

*
* *

Conheço um caso singular que demonstra bem claramente quanto o homem tem a lucrar impondo-se ás simpatias e ao coração da sociedade e da família pelo bom humor, que se reflecte em agrados de semblante e se desdobra em disposição de jovialidade, de doce e aprazível calmaria de concórdia.

Passou-se esse caso com um cavalheiro que conheci. Possuía um semblante de traços finos e atraentes quando bem disposto no seu estado real de expansão aféctica e simpática. Mas recebera um legado paterno de rispidez e egoismo que o tornava agressivo e mal humorado frequentemente.

Cá fóra, no convívio social, era afavel e delicado, sem a fúria, porque herdára esse mérito do lado materno.

Travára-se um dia ardente discussão sôbre um dos seus actos aggressivos que muito maguára uma pessoa bondosa. Alguem que tinha por êsse homem uma fanática simpatia, duvidava de que êle fôsse capaz de praticar a violência que lhe era atribuída. No meio da discussão surge entre vários papeis uma fotografia sua que o reproduzira numa hora de mau humor, com uma expressão carrancuda, dura, colérica. « Quem é este semblante furibundo? » — exclama jucosamente a sua fanática admiradora. E atira longe com a fotografia.

Sorriu a sua interlocutora, e foi buscar uma segunda fotografia de expressão insinuante e afavel que pôz ao lado da primeira. « Repara bem se êste furibundo se parece com esta pomba » — disse para a companheira.

« Mas é impossivel que sejam do mesmo » — retorquiu a segunda deveras confundida.

« É que te esqueces que na nossa raça predomina uma dualidade de pomba e de chacal. No dia em que a pomba vencer o chacal, cultivando a mansidão e sufocando os impulsos da arrogância e das iras, seremos a gente mais gloriosa e feliz do mundo. »

Estava presente uma criança filha da pessoa discutida e para quem o pai era terno e brando. Viu a fotografia do mal humorado. Mirou-a e remirou-a. E por fim disse veementemente: « Este não é o Papã » !

* * *

O mesmo se pode dizer de certos aspectos exteriores que são expressão instável e não linha anatómica em pessoas cuja substância fundamental do character é sujeita a frequentes exaltações.

Costumes bárbaros disseram em tempos idos ao homem : «Sê omnipotente e soberano impondo-te pela severidade e pela arrogância, pela soberbia e pelo despotismo». E o homem, que viera das selvas e do convívio das feras, acreditou que assim como o mais feroz era o que vencia, também êle venceria pela ferocidade. E carregando o sobrólho, descendo a viseira da brutalidade, pretendeu conquistar pela força, pela rispidez e pela supremacia do mando.

Por isso mesmo, debalde tem querido voar no espaço das glórias e dos triunfos, sepultando-se afinal em mares de sangue e ódios, de felonias e traição, vencido pelo mal que cultiva.

Mais livres e felizes do que êle, são os rouxinóis gorgearando nos salgueiros balouçantes, como intérpretes divinos da harmonia, como herois do espaço e da beleza que vibra em ritmos de melòdia, e se esparge em trinados enebriantes de poesia e de ternura, perfumando as almas de sentimento e amor.

* * *

Falha na prática da vida, tanto social como doméstica, a imitação do homem das selvas. E triunfará na aurora das idades civilisadas, o cântico amoroso do rouxinol que ensina a brandura, o carinho, a ternura conjugal aos humanos, embalando no sonoro idílio dos ninhos o hino da bondade a desprender-se em harmonias cariciantes, enquanto a consorte vai acalentando a mimosa prole entre o ritmo dos arrulhos e a macieza tépida das plumagens.

Bem dita sejas, ó poesia dos ninhos, das brisas, dos luares e dos arroios, que ensinas á gente brutalisada

de prosaismos sépticos e ásperos, a *via lactea* da brandura capaz de conduzi-los á felicidade pela tolerância, pela concordia doméstica e universal.

Bradai em vão contra os poetas, ó almas áridas e estéreis como as incandescentes stépes de Sinai trilhadas pelas tribus desoladas que em vão buscam o Eden sonhado. Classificai-os de lunáticos, ó prosaicos materialistas coniventes no mal que vos atormenta! Que enquanto os poetas cantam odes de amor no espaço das idealidades precursoras, vós ireis rosnando á lua os vossos sarcasmos e os vossos despeitos que a não atingem, porque paira alto no seu mundo de poesia onde é alma de toda a perfectibilidade.

O símbolo e o poeta

Que me recordasse, nunca havia lido versos do snr. Dr. Alfredo da Cunha. Empenhava-me imenso estudar-lhe um pouco a psicologia de poeta. Procurei em todas as livrarias o seu livro intitulado «Versos», mas em nenhuma das que existem no Pôrto pude encontrar.

Tinha ficado de me arranjar um exemplar o Snr. Bento Carqueja, que procurei para êsse fim. Expirava o prazo que estava marcado para a conclusão dos trabalhos tipográficos dêste livro, escrito em menos de um mês, de relance, ao correr da pena e entre constantes complicações e sobresaltos. Nesse mesmo dia encontrei o Snr. Bento Carqueja. Perguntei-lhe pelo livro. Não tivera tempo de o procurar, respondeu-me. Deliberei ir á Biblioteca.

Fazia um calôr de calcinar.

E já eram perto de cinco horas e meia. Galguei de um fôlego a rua 31 de Janeiro para chegar á Biblioteca antes do encerramento.

Ceguei ali ofegante. Já estava próxima a hora de fechar. Mas, por deferência especial, concederam-me o volume desejado intitulado «Versos».

Abri-o sôfregamente, anciosamente. E na página que se desdobrara ante os meus olhos sequiosos de profundar no ritmo cadenciado das estrofes, a alma misteriosa do poeta, surpreendi logo o título sugestivo desta eloquente poesia:

Desamparados

Pobres velhinhas sem filhos
 Tristes orfanças sem pais!
 Presas nos duros cadilhos
 Dos seus destinos fatais,
 Gemendo iguais estribillos,
 Chorando prantos iguais,
 Da vida nos envias trillios
 Quem sofre e padece mais,
 São os velhinhos sem filhos?
 Ou as orfanças sem pais?

.....

Quando terminei, uma neblina de lágrimas selara de enternecimento o último verso. Toda a poesia que desprende lágrimas é inspirada pela emoção. E toda a emoção é ternura, piedade, sentimento.

O pranto é o orvalho dos corações sensíveis que cái sobre a estiolação requeimante das dores humanas.

E enquanto numa receptividade de ternura o rocio compassivo do coração aljofrava as misericordiosas estrofes, o meu espírito evocava no silêncio solene e recolhido daquêle templo da sciência, onde parecia adejarem espíritos invisíveis e iluminados, a legião dos párias da desgraça, os macilentos velhinhos andrajosos, as criancinhas de face lívida, precocemente enrugada de fome, gemendo, soluçando em litanias de máguá e desesperos que repercutem no coração dos poetas.

« Quem sofre e padece mais,
 São os velhinhos sem filhos?
 São as orfanças sem pais? »

.....

Mas, folheára outra página... E, — ó misterioso redentor instinto do coração? — passa ante a maguada retina

das visionárias pupilas outra precursora alegoria repassada de beleza espiritual e de sublime idealidade contidas neste formoso soneto ¹ expressivamente revelador de uma verdadeira alma de poeta :

Cristo prégava. A sua voz divina
Ecoava amorosa em toda a terra.
— No pescador e no pastor da serra,
No velho e na creança pequenina.

César ao ver que um outro rei domina
Ante a nova realeza que o aterra,
A quem prégava a paz movia a guerra.
Mas Cristo ia somoando a sua doutrina...

Vem implorar-lhe a graça redentôra
Madalena — a formosa pecadora —
Desgrenhado o cabelo, a face em pranto...

E Jesus perdoou, porque eram feitos
De perdão e de amor os seus preceitos
— E ela só por amor pecára tanto...

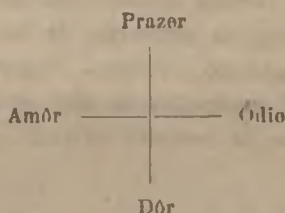
Dir-se-ia que algum espirito sobrenatural adejava em tórno dos meus pensamentos e os movia e agitava na direcção da sonhada aspiração de indulgências. Estabelecia-se a cadeia mágica dos esfúvios invisíveis projectados do fluido astral que atrai e galvanisa as almas fundindo-as na substância ideal que os divinisa apartadas da matéria.

A electricidade da eloquência repercutiu-se na veemência da emoção. Vibrára a corrente das piedosas simpatias que con-

¹ A imagem de Santa Maria Madalena do Bussaco.

vertem. E naquele instante de eloquente enternecimento senti mais intensamente a dôr das almas feridas que trouxera até junto do meu calvário a cruz de outros calvários de agônias a referver em cachoeiras de amôr e ódio de cólera e vingança.

E á minha imaginação cogitadora apareciam as linhas que em fórmula de cruz estabelecem os polos das sensações e dos sentimentos tam sábiamente descritos por Mantegazza na «Fisiologia do ódio» :



«O amor é a transformação psíquica do prazer, e o ódio a resposta física da dôr, diz o célebre psicólogo.

E ódio e amor, embora opostos, teem a mesma marcha, seguem as mesmas leis de expansão, de simpatia e de evolução histórica.»

E mais adiante diz o revolvedor da alma humana :

«Aos ardentes desejos, correspondem grandes amores; e dôres enormes despertam gigantescos ódios».

Eis aqui a chave do contraste e do mistério que põe tão frisante diferença entre o homem que com a capa exterior do indiferentismo e da secura amára sempre, afinal, lá no fundo sensível da alma, a mulher que escolhera para companheira. Mas sacudida essa alma por uma afronta que é uma dôr profunda, do amor nasce o *ódio gigantesco* que o leva a exercer violências impetuosas.

«Assim como temos emoções mixtas de prazer e de dôr

(desejo e melancolia) assim temos amores repassados de ódio», diz ainda Mantegazza.

As scenas passadas de «Roção ao Tribunal» — traduzem uma forma de ódio amoroso.

Se o poeta produzisse versos nessa fase de ódio que se desencadeia em vingança, teria blasfemado, teria amaldiçoado. Mas essa manifestação está na ordem das sensações exteriores. O fundo, a essência, a alma verdadeira do homem, é a alma verdadeira do poeta. Foi essa alma em crise de extase e mística sensibilidade que se inspirou no silêncio e na penumbra sonhadora da nave, para ritmar o mais formoso soneto dos «Versos». É essa alma que, redimida das fugaces impressões do ódio, porá em relêvo toda a refulgência plena da bondade imitando o divino Mestre de quem disse:

*E Jesus perdoou, porque oram feitos
De perdão e de amor os seus precieitos.
E Ela só por amor pecára tanto! »*

* * *

.....
Rezai comigo esta oração de amor e perdão, ó almas que no amor cultivais a redenção de todos os ódios.

Chorai comigo olhos que sabeis chorar, para desfiarmos um rosário de lágrimas sôbre a alma dorida do Poeta que comnosco chorará para acabar perdoando.

.....
Disse Taine que a ternura, a expansão e as lágrimas são o que de mais nobre e doce existe na vida.

Acto de contrição

Comecei este livro sob os efeitos de um violento impressionismo. Fui escrevendo, escrevendo, desabafando, num revoltado queixume de quem sofre, numa agitada revolta de quem sente.

Era preciso transformar este ódio e este amor revestidos de tragédia, em luz, em reacção, em onda de pensamentos e sensações. E em vibrar de exaltação, numa exaltação de agruras reprimidas, fundas, despedaçadoras, agitei as mais reconditas e intensas repercussões do pensar e do sentir que dilatam a imaginação e o coração feridos.

Vejo agora, ao reler o que escrevi, que acentuei nos domínios do sub-consciente um traço de psicologia de contrastes que caracteriza a nossa raça.

Sob o império da paixão, comecei por destilar o feldos cruciantes calvários convertido em fremento de revoltada fulminação. Mas pouco a pouco penetrei no fundo da alma que acusára, entendi-lhe melhor as sensações, revolvi-lhe as chagas e acabei por lamentar através da odisséia que me atormenta e é fonte de tantas inspirações, a odisséia de que sangram dores e me faz terminar estas páginas enternecidas com lágrimas e contrição absolvida pelos elevados pensamentos contidos neste vibrante soneto dos «Versos» :

Viver é batalhar. Cada vitória
Deixa sangrando a alma dolorida.
E o corpo exausto. É por ganhar a vida
Que a perdem tantos numa luta inglória.

Para alcançar — fortuna transitória! —
O pão do dia, a sede de água obtida
Nessa dura refrega, quanto lida
De mártires sem fé, de heróis sem história!

Viver é combater. Pois raramente
Viver é ser feliz, ó ir contente
Do amor cantando a descuidada trova;

É converter o ideal em realidade
Dando a mais à Ciência uma verdade
E ao Belo e ao Bem uma conquista nova.

.....

Hóstia imaculada da poesia, ergue alto a comunhão, resplendorosa do Ideal flamejante da Fé, de Beleza e de Verdade.

Foi para converter o Ideal em realidade que combati.
Foi para dar ao Belo e ao Bem uma conquista nova que acabei por defender.

Constituindo meu advogado o Snr. Dr. José de Castro ¹

Eu disse no princípio dêste livro e no capítulo dirigido ao Snr. Dr. Bernardo Lucas, que êste processo tinha que ser julgado no tribunal das consciências rectas e dos corações benévolos.

Está constituído o tribunal. São júris os espíritos cultos e humanos. Causídicos os corações. Dispensa-se papel selado. Porque o texto do processo é de altruísmo selado com lágrimas de emoção.

É V. Ex.^a um devotado defensor dos ideais pacifistas e humanitários. Quizera que essa devoção se manifestasse, constituindo-se V. Ex.^a advogado de sentimento, nesta causa. E então a defeza ficaria sendo a mais retumbante conquista de fama mundial para os abalisados causídicos, que não haveriam a temer mais nenhum processo nem perseguições da parte acusadora, porque teriam vencido ao mesmo tempo a causa judicial, e a causa da bondade. Qual delas é mais gloriosa?

Está constituído o tribunal. Formem os seus quesitos os júris dos espíritos cultos e humanos. É advogado de ambas as partes o Coração. Testemunhas de defeza a Bondade.

Decerto está segura a vitória da causa com glória para todos acusadôres, defensôres, vítimas e culpados.

FIM

¹ O Snr. Dr. José de Castro, notável causídico de Lisboa, é também advogado de defeza da Snr.^a D. Maria Adelaide da Cunha, bem como o Snr. Dr. José Moutez.

INDICE

	Pag.
Sem temôr da critica	7
Ao Ex. ^{mo} Snr. Dr. Alfredo da Cunha	9
À Ex. ^{ma} Snr. ^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha	19
«Doida Não!»	24
Ao Ex. ^{mo} Snr. Dr. Bernardo Lucas	25
A honra ajulzada	27
Uma prova esmagadora	29
Da Revolta ao Amor	31
A psicologia de uma paixão	40
O Manuel	49
A critica moralista	59
Outro perfil	92
Para a Senhora D. Maria Adelaide meditar	74
Castigo rigoroso	83
Para o coração do Manuel lêr ao coração da Mãe	86
Amor sublime	92
Amor e resgate	95
O que pensam alguns notáveis médicos francezes acerca dos direitos das mulheres	97
A sciência do coração	103
Aos Ilustres clínicos que cooperaram no diagnóstico da honra lúcida	105
Prosaismo e idealismo	113
Mulheres de hoje e mulheres de amanhã	116
O génio do bem e o génio do mal	117
Justificando o Snr. Dr. Alfredo da Cunha	119
O símbolo e o poeta	126
Acto de contrição	131
Constituindo meu advogado o Snr. Dr. José de Castro	133

ERRATAS

Em virtude da precipitação com que foi executado este livro, ha muitos lapsos e erratas que os leitores cultos corrigirão; destacamos, todavia, como a mais lamentável, a troca do nome do illustre clínico de Matoziuhos Snr. Dr. Afonso Cordeiro, que está Luciano Cordeiro, e quatro amores por três amores, a páginas 80.

Os bons Livros

O Livro é o amigo mais fiel da nossa existência. Educa, recreia, aperfeiçoa e conduz á vitória da felicidade.

Um livro de bom conselho determina muitas vezes o rumo da glória e influi beneficiosamente na nossa vida, tornando-nos felizes e bons.

Em todos os lares deve existir uma biblioteca educativa. Disse o sábio Emerson, que os livros eram necessidade tão urgente como o pão.

E, como indicar boas leituras é guiar á felicidade, aqui se traça um selecto catálogo de livros onde se colhem frutos salutaes para crear a harmonia da família e da sociedade:

De Paulo Combes:

- «O Livro da Esposa».
- «O Livro da Dona de Casa».
- «O Livro da Mãe».
- «O Livro da Educadora».
- «Problema da Felicidade».

Baroneza de Staff:

- «A Mulher na Família».
- «A Esposa, a Filha e a Mãe».
- «Meus Segredos» — Arte de agradar e ser amada.

Etlene Lamy:

- «A Mulher do Futuro».

Virgínia de Castro e Almeida:

- «Trabalho Bemdito».
- «Terra Bemdita».
- «Capital Bemdita».
- «Fé».
- «Inocentes».
- «Como devemos educar os nossos filhos».
- «Coisas que eu penso».
- «A Arte na Educação da Mulher», de Antero de Figueiredo.
- «Hygiene de Alma», do Barão de Fenchtersleben.
- «L'Amour Malade», do Dr. George Surlé.
- «Le Droit à l'Amour pour la femme», do Dr. Michel Bourgas.
- «Pequenos Males», do Dr. Austregesilo — Brazil.
- «Nos Maris, Nos Femmes, Nos Jeunes Filles», do Pierre Aguetant — Paris, Livrarie Plon.

Edições da Companhia Portuguesa
Editora — Rua da Boavista — Porto.

OBRAS DA AUTORA:

Argumentos (assuntos políticos e sociais).

Verdades (idem).

O ressurgimento do Pôrto e de Portugal (opúsculo).

Pátria e coração (opúsculo).

Portugal e Espanha (em português).

Portugal, España y la paz europea (traduzido em castelhano).

Calvário de mulher.

Alma de mulher.

A sedução da mulher.

Corações infantis — «Biblioteca Infantil».

O milagre da abelha — idem.

O que as mães devem saber.

Para as crianças (opúsculo).

A SAHIR:

Cartas de noivas.

Sidónio Pals (estudo de psicologia).

Lázarus e Madalenas (efeitos de avariose).

A luta pelo ideal.